



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ALINE GOMES MACHADO

**A GAZETA MÉDICA DA BAHIA: ENTRE EDUCAÇÃO DO CORPO,
MODERNIDADE, GINÁSTICA E OUTRAS PRÁTICAS CORPORAIS**

SALVADOR

2023

ALINE GOMES MACHADO

**A GAZETA MÉDICA DA BAHIA: ENTRE EDUCAÇÃO DO CORPO,
MODERNIDADE, GINÁSTICA E OUTRAS PRÁTICAS CORPORAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Junior

SALVADOR
2023

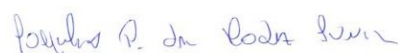
ALINE GOMES MACHADO

A GAZETA MÉDICA DA BAHIA: ENTRE EDUCAÇÃO DO CORPO, MODERNIDADE, GINÁSTICA E OUTRAS PRÁTICAS CORPORAIS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Educação.

Salvador, 06 de Dezembro de 2023.

Banca examinadora



Coriolano Pereira da Rocha Junior – Orientador _____
Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ),
Rio de Janeiro.
Universidade Federal da Bahia



Cleverson Suzart Silva _____
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador
Universidade Federal da Bahia



Luis Carlos Lira _____
Doutor em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília
Universidade Federal de Juiz de Fora



Roberto Gondim Pires _____
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Viviane Rocha Viana

Viviane Rocha Viana

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador
Universidade do Estado da Bahia

FOLHA DE CORREÇÕES

ATA Nº 1

Autora: ALINE GOMES MACHADO

Título: A Gazeta Médica da Bahia: entre educação do corpo, modernidade, ginástica e outras práticas corporais

Banca examinadora:

Prof. LUÍS CARLOS LIRA	Examinador Externo à Instituição
Prof. ROBERTO GONDIM PIRES	Examinador Externo à Instituição
Prof ^a . VIVIANE ROCHA VIANA	Examinadora Externa à Instituição
Prof. CLEVERSON SUZART SILVA	Examinador Externo ao Programa
Prof. CORIOLANO PEREIRA DA ROCHA JUNIOR	Presidente

Os itens abaixo deverão ser modificados, conforme sugestão da banca

1. INTRODUÇÃO
2. REVISÃO
BIBLIOGRÁFICA
3. METODOLOGIA
4. RESULTADOS
OBTIDOS
5. CONCLUSÕES

COMENTÁRIOS GERAIS:

A banca considerou a tese pertinente, ajustada a linha, com uma construção teórica de qualidade, com o uso de referências ajustadas ao tema. Ainda, se afirmou que a tese contribuirá com o desenvolvimento do campo da educação na Bahia. A metodologia foi tida como adequada e com uso qualificado. A avaliação final foi de um trabalho de excelência.

Declaro, para fins de homologação, que as modificações, sugeridas pela banca examinadora, acima mencionada, foram cumpridas integralmente.

Coriolano P. da Rocha Junior

Prof. CORIOLANO PEREIRA DA ROCHA JUNIOR
Orientador

As minhas pessoas que, nas suas possibilidades, compreenderam minha presença-ausente e me apoiaram incondicionalmente. Vocês me fortalecem sempre!

AGRADECIMENTOS

Foram muitas pessoas que seguraram a minha mão, ainda que distante, ao longo deste caminho. Por isto, mil poemas eu escreveria e não conseguiria expressar a minha gratidão ao sagrado por ter me presenteado com vocês. Então, resumidamente, marco alguns, neste texto, mas todos estão em minha memória, meu coração e minha história.

A minha mãe, Rose, quem me ensinou o poder da educação e como a ação é nossa fonte de inspiração e força. Foi ela quem, desde sempre, mesmo sem ter alcançado grandes passos na educação formal, porque a vida não lhe permitiu, que me incentivou a buscar este caminho e sempre se fez presente, buscando demonstrar seu amor e orgulho desde os meus menores passos.

A minha irmã Patrícia, minha segunda mãe, minha amiga, quem me mostra que quando a força é a única opção, devemos vivê-la com alegria e buscar a felicidade com leveza e, às vezes, com uns gritos, também (rsrs).

Mamis e Paty, vocês me ensinaram coisas que nenhuma academia poderia me ensinar, a ser força, a ser mulher, a viver a vida do meu modo, porque para aonde quer que eu vá, vocês estarão sempre me esperando, apoiando, torcendo pelo meu sucesso e me dando abrigo quando preciso. Amo vocês!

Ao meu irmão, Arnaldo, que, mesmo distante, faz parte de mim e está em meu coração e em minhas orações, minhas ações, em meu amor.

Aos melhores presentes que eu poderia receber na vida, meus sobrinhos: Mateus, João, Felipe, Guilherme, Daniel, Arthur, Theo e Aylla. Cada minuto com vocês é de genuína felicidade e força renovada para seguir.

Aos meus grandes amigos, Victor Nascimento, Tiago Oliveira, Thiago Melo que acompanham a minha vida há décadas e viveram comigo diversas transformações, bons e maus momentos, mas nenhum abalou nossa cumplicidade, apoio e amor.

As minhas Princesas do Surto, Luana, Luísa e Lorena, por ouvirem todos os desabafos e trocarem todos os tipos de experiências. Muito entretenimento! Presentes da vida, presentes na vida, presentes divinos. Está na pele.

As minhas Marias, Viviane e Dayane, por abrirem as suas vidas, me acolher com tanto amor e carinho, sempre estarem disponíveis para me socorrer, e aos nossos

encontros maravilhosos. São presentes que o mundo acadêmico me deu e que levo, felizmente, para toda minha vida.

A Rúbia e sua filha, Inessa, que abriram as portas da sua casa sem me conhecer e me acolheram com confiança e me deram o apoio que precisei num momento tão difícil. Isso foi a atitude mais generosa no meu início em Salvador e que me muito me ensinou. Muita gratidão e carinho por vocês.

A Natanael, meu professor, meu amigo, com quem aprendo desde muitos anos. Ter você na minha vida todos me acalma, me dá segurança e amor para seguir.

Dentre outros professores que me acompanharam, agradeço imensamente a Roberto Gondim que foi meu orientador na graduação e com quem construí uma relação de admiração amistosa e quem está sempre disposto a me orientar e compartilhar bons e sábios momentos.

Ao meu grupo CORPO, em geral, por ser diferente no trato acadêmico, por me apresentar pessoas maravilhosas com as quais construí verdadeiras amizades e por trazer leveza ao difícil processo acadêmico.

Ao meu amado orientador que me ensinou e ensina todos os dias como posso ser forte e enfrentar todos os obstáculos. Quem mais tem segurado minha mão nesse período, sempre com amor, leveza, carinho e sabedoria. Foi um presente ter tido um ser humano tão genuíno e cuidadoso nesse processo. Minha gratidão será eterna e não cabe toda aqui.

A minha banca, Viviane, Gondim, Cleverson, Luis Carlos, que aceitou de prontidão o convite de analisar este texto e que são pessoas e que admiro muito.

Ao programa de Pós-Graduação em Educação e a UFBA por me aceitarem nesse processo.

E à Capes, pois o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

MACHADO, Aline Gomes. A Gazeta Médica da Bahia: entre educação do corpo, modernidade, ginástica e outras práticas corporais. 2023. Orientador: Coriolano Pereira da Rocha Junior. 105f. il. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

O presente estudo faz parte do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), na linha temática Educação, Cultura Corporal e Lazer, integrando o grupo de pesquisa CORPO. O presente estudo trata-se de uma pesquisa histórica. Nosso estudo busca compreender quais as representações de corpo presentes nas edições da Gazeta Médica da Bahia, e as relações entre uma educação do corpo centrada nos ideias modernizadores, procurando localizar o debate acerca da ginástica e de outras práticas corporais nesse contexto. A Gazeta foi o periódico científico específico de maior circulação e relevância no Brasil da segunda metade do século XIX. Surgiu em 1866, circulou regularmente entre 1866 e 1934, depois entre 1966 e 1972, com um número avulso em 1976, voltando a ser produzida com regularidade entre 2002 até julho de 2011. Aqui, delimitamos nosso estudo no primeiro ciclo de produção da GMB: 1866 quando surgiu e 1934, ano em que os direitos da Revista foram passados para Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB). Para tanto, nos embasamos na metodologia da História Cultural, tendo o conceito de Representação como central para nossa análise. A existência humana é impossível de ser compreendida dissociada do corpo. A condição humana é essencialmente corporal. O corpo pode desdobrar-se em reflexo da conjuntura em que se insere. Logo, podemos assumir o corpo, os corpos como objetos de estudo que falam de si e do meio, do espaço e do tempo. Já está amplamente debatida, na literatura nacional, a estreita relação que a ginástica e algumas práticas corporais tiveram com debate médico. Durante o século XIX, o desenvolvimento da medicina, em diversos momentos, buscou validar a importância de uma educação física para o fortalecimento do corpo e da nação. Dentre os exercícios físicos defendidos, a ginástica ocupou um lugar de destaque nesta comunidade, devido ao seu pretensão caráter científico, mas também outros compuseram o debate da Gazeta Médica da Bahia. O aumento de pesquisas na área da fisiologia, anatomia e biologia apontavam a importância destas práticas para o desenvolvimento individual e social, assentando-se em justificativas que giravam em torno de ideais higiênicos, morais, estéticos e econômicos. Ideais esses que compunham uma noção do que seria moderno, objetivo central que motivava uma grande parte das/os brasileiros, principalmente uma elite econômica, políticos, intelectuais e, notadamente, os médicos. Na esteira desse pensamento, como considerações, apontamos que o saber médico circulado na GMB, construiu representações de corpo, como um elemento individual e social tanto capaz, quanto necessário a serem transformados, educados pelas intervenções que a medicina indicava, dentre elas, as práticas corporais. Assim, as múltiplas representações de corpos coadunavam num mesmo sentido, todos seriam passíveis de serem educados e transformados em corpos modernos para compor o contexto citadino moderno, desde seguissem os preceitos higiênicos, dentre os quais a ginástica e outras práticas corporais compuseram destaque no cenário de educação do corpo moderno.

Palavras-chave: Gazeta Médica da Bahia. Educação do Corpo. Práticas Corporais.

ABSTRACT

MACHADO, Aline Gomes. *The Gazeta Médica da Bahia: between body education, modernity, gymnastic and body practices*. 2023. Advisor: Coriolano Pereira da Rocha Junior. 105f. ill. Thesis (Doctorate in Education) – Faculty of Education, Federal University of Bahia, Salvador, 2023.

The present study is part of the Postgraduate Program in Education (PPGE), of the Faculty of Education, of the Federal University of Bahia (UFBA), in the thematic line Education, Body Culture and Leisure, integrating the CORPO research group. This research is a historical research. Our study seeks to understand what representations of the body are present in the editions of *Gazeta Médica da Bahia*, and the relationships between an education of the body centered on modernizing ideas, seeking to locate the debate about gymnastics and other body practices in this context. *Gazeta* was the specific scientific periodical with the greatest circulation and relevance in Brazil in the second half of the 19th century. It appeared in 1866, circulated regularly between 1866 and 1934, then between 1966 and 1972, with a single number in 1976, and was produced regularly again between 2002 and July 2011. Here, we limit our study to the GMB's first production cycle: 1866 when it appeared and 1934, the year in which the rights of the Journal were transferred to the Faculty of Medicine of Bahia (FAMEB). To this end, we are based on the methodology of Cultural History, with the concept of Representation as central to our analysis. Human existence is impossible to be understood dissociated from the body. The human condition is essentially bodily. The body can unfold as a reflection of the situation in which it finds itself. Therefore, we can assume the body, bodies as objects of study that speak about themselves and the environment, space and time. The close relationship that gymnastics and some body practices had with medical debate is already widely debated in national literature. During the 19th century, the development of medicine, at different times, sought to validate the importance of physical education for strengthening the body and the nation. Among the physical exercises advocated, gymnastics occupied a prominent place in this community, due to its alleged scientific nature, but others also made up the debate in the *Gazeta Médica da Bahia*. The increase in research in the areas of physiology, anatomy and biology highlighted the importance of these practices for individual and social development, based on justifications that revolved around hygienic, moral, aesthetic and economic ideals. These ideals made up a notion of what would be modern, a central objective that motivated a large part of Brazilians, mainly an economic elite, politicians, intellectuals and, notably, doctors. In the wake of this thought, as considerations, we point out that the medical knowledge circulated in GMB, constructed representations of the body, as an individual and social element both capable and necessary to be transformed, educated by the interventions that medicine indicated, among them, the practices body. Thus, the multiple representations of bodies agreed in the same sense, they would all be capable of being educated and transformed into modern bodies to compose the modern city context, as long as they followed hygienic precepts, among which gymnastics and other bodily practices were highlighted in the scenario of education of the modern body.

Keywords: *Gazeta Médica da Bahia*. Body Education. Body Practices.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CORPO	Cotidiano, Resgate, Pesquisa e Orientação
FAMEB	Faculdade de Medicina da Bahia
FMB	Faculdade de Medicina da Bahia
GMB	Gazeta Médica da Bahia
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
UFBA	Universidade Federal da Bahia

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 Palácio do Governo da Bahia após Bombardeio de 1912 / 39

Imagem 2 Primeiro Número da Gazeta Medica da Bahia, 1866 / 54

Imagem 3 Preço da Assinatura da GMB, 1866 / 55

Imagem 4 Cabeçalho da GMB, 1866 / 57

Imagem 5 Contágio da Lepra no Rio de Janeiro / 68

Imagem 6 Doenças Mentais / 72

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 NA MARCHA MODERNIZADORA	30
2.1 SALVADOR E OS CONTEXTOS DE MODERNIZAÇÃO	30
2.2 MODERNIZANDO OS COSTUMES: COTIDIANO E CULTURA.....	40
3 CIÊNCIA E MODERNIDADE: A GAZETA MÉDICA DA BAHIA	47
3.1 INÍCIO DA ORGANIZAÇÃO DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA.....	47
3.2 A GAZETA MÉDICA DA BAHIA	52
4 REPRESENTAÇÕES NA GMB: GINÁSTICA E OUTRAS PRÁTICAS CORPORAIS NA EDUCAÇÃO DO CORPO MODERNO.....	60
4.1 REPRESENTAÇÕES DE CORPO NA GAZETA MÉDICA DA BAHIA	60
4.2 EDUCAÇÃO DO CORPO: GINÁSTICA E OUTRAS PRÁTICAS CORPORAIS NA GMB	80
CONSIDERAÇÕES.....	91
REFERÊNCIAS.....	96

1 INTRODUÇÃO

A existência humana é impossível de ser compreendida dissociada do corpo. A condição humana é essencialmente corporal. Dos seus inúmeros desdobramentos – físico, biológico, religioso, sexual, sensível, estético, social, cultural –, de prisão da alma a centro de defesa e apreciação, o corpo representou uma diversidade de coisas ao longo dos diferentes momentos históricos. De lugar de iminente manifestação de pecado, que precisa ser ocultado sob inúmeras camadas de tecidos, à manifestação máxima de liberdade, que precisa ser exposto ao limite (ou ausência total de limite) da nudez. O corpo pode ser visto como manifestação e materialização de ideais e representações socioculturais.

Todos os sentidos produzidos em torno e pelo corpo, as diferentes representações de corpo são localizadas no tempo e no espaço. “Os espaços, os volumes e a própria profundidade do corpo se fixam e se desenvolvem com o tempo” (Vigarello, 2006, p. 10). O corpo pode desdobrar-se em reflexo da conjuntura em que se insere. Logo, podemos assumir o corpo, os corpos como objetos de estudo que falam de si e do meio, do espaço e do tempo.

Se pensarmos, além do já sinalizado, o corpo e movimento, corpo e as práticas corporais, podemos comungar com o que argumenta Andréa Moreno:

Como nos lembram sempre os estudos antropológicos sobre o corpo, as técnicas corporais – e aqui me refiro às práticas corporais – são marcas da cultura. Nasceram na história, são simbólicas. Traduzem o modo como homens e mulheres “cuidam” (ou não) de seus corpos, se servem deles. Traduzem, logo, uma visão de mundo dos que as praticam. As práticas corporais existentes numa sociedade são portadoras de gestos, os quais, mais que mecânicos, simbolizam a inscrição de uma cultura. Retirando da natureza a capacidade de explicar o corpo humano e seus movimentos, podemos pensar, dessa forma, no corpo como um arquivo. Como a memória, depositário de valores, crenças, histórias (Moreno, 2001, p. 192).

Assim, além da importância já destacada, temos que caminhar para a compreensão de que, para construirmos um estudo histórico sobre o corpo, este múltiplo e complexo objeto, precisamos aprofundarmos os olhares e ampliar as leituras, expandir as sínteses, romper as barreiras superficiais e imergir em contextos mais densos. Como em toda análise histórica, em toda pesquisa científica

existem múltiplas formas de discutir objetos e contextos, estas variedades formam o mosaico explicativo e analítico das histórias de cada realidade. Reconhecemos também a limitação do historiador e da pesquisa em construir um estudo que dê conta de abarcar todos os fatores que cercam cada objeto, colocando um claro e compreensível impedimento de, num único estudo, construir uma história total do que quer que seja.

Na esteira desse pensamento, nosso estudo busca compreender quais as representações de corpo presentes nas edições da Gazeta Médica da Bahia (GMB), e as relações entre uma educação do corpo centrada nos ideias modernizadores, procurando localizar o debate acerca da ginástica e de outras práticas corporais nesse contexto.

Já está amplamente debatida, na literatura nacional, a estreita relação que a ginástica e algumas práticas corporais tiveram com debate médico. Durante o século XIX, o desenvolvimento da medicina em diversos momentos buscou validar a importância de uma educação física para o fortalecimento da nação. Dentre os exercícios físicos defendidos, a ginástica ocupou um lugar de destaque nesta comunidade, devido ao seu caráter científico. O aumento de pesquisas na área da fisiologia, anatomia e biologia apontavam a importância destas práticas para o desenvolvimento social, assentando-se em justificativas que giravam em torno de ideais higiênicos, morais, estéticos e econômicos. Ideais esses que compunham uma noção do que seria moderno, objetivo central que motivava uma grande parte das/os brasileiros, principalmente uma elite econômica, políticos, intelectuais, notadamente os médicos.

Assim, acreditamos que, ao nos debruçarmos sobre o debate da GMB, poderemos encontrar informações importantes tanto sobre as representações de corpo, como da própria organização da Educação Física no contexto da sociedade soteropolitana que buscava modernizar-se.

A Gazeta Médica da Bahia foi o periódico científico de maior circulação e relevância no Brasil da segunda metade do século XIX. Surgiu em 1866, como parte do processo de desenvolvimento da pesquisa científica da antiga Escola de Medicina e Cirurgia – que se tornou mais tarde a Faculdade de Medicina da Bahia e, tempo depois, integrada à Universidade Federal da Bahia. A GMB circulou regularmente entre 1866 e 1934, depois entre 1966 e 1972, com um número avulso em 1976, voltando a ser produzida com regularidade entre 2002 até julho de 2011,

como aponta Tavares-Neto editor da revista. Aqui, delimitamos nosso estudo no primeiro ciclo de produção da GMB: 1866 quando surgiu e 1934, ano em que os direitos da Revista foram passados para Faculdade de Medicina da Bahia-UFBA.

Nesse período, os debates da GMB giravam em torno de diversas questões sociais e extrapolavam o grupo médico da Bahia, contando com publicações e contribuições de médicos de outros lugares do país, mostrando um alcance e organização que, até então, nenhum outro periódico da área médica tinha conseguido manter.

A GMB foi, também, palco do debate do grupo que, mais tarde, ficou conhecido como Escola Tropicalista Baiana. Formada por um grupo de médicos que se debruçavam sobre a etiologia das doenças tropicais, além de mostrar preocupação com o tratamento desprendido à população negra (escravos, no período), atenção à questão da saúde pública, colocando-se como importante grupo na conjuntura do período.

Nesse sentido, Martinelli (2014) aponta o grande interesse dos médicos em envolver-se com questões políticas, relacionadas com a intervenção do Estado nas condições de saúde da população, e que os integrantes do grupo responsável pela GMB ainda tomavam parte no debate de outros temas políticos, como o abolicionismo e a defesa do sistema político republicano. Esse foi um momento em que o conhecimento científico se desenvolveu mais rapidamente e ganhou destaque nas projeções das mudanças socioculturais que eram desejadas no Brasil.

Assim, os saberes de áreas como a medicina se tornaram basilares em discursos e mudanças que visavam levar às cidades a responderem às demandas apresentadas. Desta forma, esse periódico, que esteve fortemente ligado à Faculdade de Medicina da Bahia, nos aponta questões importantes do contexto histórico da capital baiana.

A FMB permaneceu durante quase todo o século XIX como o único estabelecimento de ensino superior da província. Essa condição a transformava no centro da vida científica e cultural da sociedade baiana. Por essa razão, também eram discutidos no seu interior, temas que hoje estariam nos campos da filosofia, antropologia, química, direito, física, biologia e psicologia, gerando polêmicas que ganhavam os jornais e eram acompanhadas com entusiasmo pela população culta (Ribeiro, 1997). A Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) funcionava não só como instituição de ensino, mas também como um órgão consultivo do governo imperial em questões médicas e de saúde (Martinelli, 2014, p. 40).

Tal fato aponta a relevância desse grupo de intelectuais na cena sociocultural da capital baiana.

Salvador foi a Capital Federal entre os anos de 1549 e 1763, palco de efervescência de questões fundamentais num país continental que, política e culturalmente, ainda é fragmentado. A capital baiana fez parte da construção do país, marcou momentos da consolidação do Brasil. Esta é uma característica que singularizou a trajetória desta cidade, por tanto, impossível de esquecer, de deixar de lado, quando nos propomos a estudar este local na perspectiva histórica. Assim, ter esta cidade como lócus de pesquisa significa estudar uma parte significativa da nossa própria história, enquanto brasileiras e brasileiros, garantindo relevância ao movimento.

Quando pensamos no contexto sociocultural em que a GMB se desenvolve, vemos que Salvador, assim como outras cidades do país, se via num processo de transformação, caminhando no sentido do que se entendia por Modernidade. Desde o século XIX, as principais capitais brasileiras caminhavam realizando modificações estruturais, políticas e culturais na tentativa de coloca-las na rota da modernização que se espalhava pelo ocidente. Mudanças eram feitas almejando atingir as representações de civilização e modernidade que o espelho europeu apontava como ideais.

Leite (1996) aponta que cidades, como Recife, Belém, Porto Alegre, Fortaleza, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo seguiam tentando efetivar seus projetos modernizadores através da construção de ferrovias, no aparelhamento portuário, em redes telegráficas, com o desenvolvimento de indústrias, além de melhorias em termos de transportes, iluminação e abastecimento de água. No que se refere ao conhecimento científico do saber médico, Martinelli (2014) afirma que os debates estiveram muito vinculados à medicina francesa e, também, alemã que se colocavam como mais moderno, no momento.

Neste ponto, estamos falando de uma experiência histórica ocidental; a Modernidade. Este período histórico interferiu e foi se delineando a partir de diversas áreas da vida. As condições políticas, econômicas, culturais e científicas delineavam e, ao mesmo tempo, eram delineadas pelos ideais modernos. Assim, cada cidade efetivava e vivenciavam seus projetos modernizadores a partir das realidades nas quais estavam imersas. Cada cidade brasileira viveu suas experiências de

modernização em seus próprios ritmos, singularizando os processos de cada cidade, cada local.

Sendo assim, ao estudarmos esses contextos, temos que ter em mente a ambiguidade e tensões próprias da Modernidade e, também, precisamos olhar como essas questões se articularam, se manifestaram nos contextos específicos, buscando olhar o comum e o diferente, as continuidades que caracterizaram o processo modernizador de um modo geral e as discontinuidades que podem ser percebidas.

Ao falarmos de Modernidade, precisamos estar cientes que ela carregou, no seu desenvolvimento, características gerais que exigiam enquadramentos para que as sociedades fossem consideradas modernas. A modernização teve estreita relação com as ideias de racionalidade, cientificidade, desenvolvimento dos modos de produção, liberalismo econômico, urbanização, guardando em si a lógica da Revolução Burguesa sob a qual eclodiu na Europa.

O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades [...] (Berman, 1986, p. 16).

Como podemos perceber, o processo de modernização se disseminou a partir de construções e desconstruções. O seu desenvolvimento se deu confluindo ambiguidades, assim suas leituras e análises precisam estar atentas às tensões em que se estabeleceu.

Além dessas características mencionadas, Marshall Berman (1986) discute a modernidade como um tipo de experiência vital localizada no tempo e no espaço, que os homens e mulheres compartilham em conjunto. Logo, podemos pensar que, mesmo guardando em si características gerais, a modernidade foi se delineando a partir das condições locais, da realidade concreta de cada contexto. Logo, seria

ingênuo e reducionista dizer que a modernidade brasileira aconteceu tal qual a dos países europeus, ainda que estes fossem espelhos. O contexto político, econômico e cultural do Brasil configurou experiência diferente nos projetos de modernidade aqui existentes. Podemos dizer que configurou experiências – no plural – diferentes a depender do contexto de cada cidade.

Um exemplo dessa relação de experiência moderna no país diz respeito ao termo Belle Époque brasileira, atribuído ao período de virada e início do século XX. O termo remonta a realidade francesa que se configurou como modelo cultural e de civilidade em vários locais do Brasil. Contudo, Enders (2009) sinaliza como existiram diferenças claras entre a realidade do conceito/contexto nos dois países.

Na França, a “Belle Époque” é uma criação retrospectiva, fruto dos traumatismos da Grande Guerra e do marasmo dos anos 1920, que fizeram considerar com nostalgia o período de dinamismo compreendido entre a saída da Grande Depressão, em 1896, e o verão de 1914 (Enders, 2009, p. 159).

No entanto, apesar de o modelo francês ter sido ideário em várias cidades do país, no contexto brasileiro, a Belle Époque remete a cenários diferentes.

Embora o Brasil tenha sido beligerante a partir de 1917, a primeira Guerra Mundial estava longe de significar para esse país o desmoronamento de um mundo, e não lhe revelava que as civilizações são mortais (Endres, 2009, p.159).

Esta é uma clara ilustração de como um evento/movimento considerado da modernidade foi experienciado de formas diferentes por dois locais, mesmo um deles sendo eleito como modelo. O que queremos reforçar é que, apesar de a Modernidade ter sido um movimento, até certo ponto, global, cada local viveu essa experiência a partir do que lhe foi possível.

Ao se projetar no cenário dos ditos países civilizados, desenvolveu-se “um sentimento de que, no Brasil, as idéias e práticas culturais estariam, em geral, fora do lugar” (Oliveira, 2001, p. 04). No Rio de Janeiro, então Capital do país, Vitrine Nacional, reformas foram pensadas e feitas no sentido de reordenar o espaço urbano, como a localização de fábricas, a delimitação dos espaços, as demolições das habitações coletivas e o conseqüente deslocamento para a periferia das camadas populares, o alargamento e pavimentações de ruas principais, enfim,

mudanças que foram ao encontro do interesse de modernização (Bastos, 2008; Rocha; Carvalho, 1995).

Como já apontamos, as principais cidades do país seguiam na tentativa de transformar suas cenas coloniais em locais que representassem o progresso, desenvolvimento e modernidade almejada. Em maior ou menor medida, em ritmos próprios, as cidades iam projetando e executando seus projetos modernizadores. Em Salvador, podemos afirmar que a criação da GMB significou uma ação segura de modernidade, as projeções e saberes que circulavam no periódico influenciaram a cena social.

Em outros sentidos também, Salvador viu fervilhar o desejo pela modernidade, por novos ares, modos de vida, novos comportamentos e hábitos. Viu a necessidade de mudanças urbanas, arquitetônicas, estruturais para tornar-se civilizada, representação do progresso. Contudo, a capital baiana encontrava-se em situação de menor favorecimento, nesse período. A cidade já não possuía a mesma força política de outros tempos, também o seu poder econômico se encontrava enfraquecido frente outras capitais brasileiras.

No período compreendido entre meados do século XIX e início do XX, nosso marco temporal, em que aconteceram acentuadas transformações pelo país, as forças produtivas de Salvador tiveram fraco crescimento. Sua relação com o processo de industrialização, que se intensificava pelo país, era tímida. A capital baiana possuiu indústrias sim, mas não chegou a vivenciar uma verdadeira industrialização, sua economia era essencialmente agromercantil até 1930, o que impactou no desenvolvimento dos projetos de modernidade da cidade (Risério, 2004).

O cenário da capital baiana, assim como de muitas outras cidades do país, ainda sustentava grandes aspectos coloniais mesmo no início do século XX. Grande parte da população de Salvador era (e ainda é) negra, recém-liberta da escravidão, corpos negros destoantes das representações europeias de corpo moderno, o corpo branco. Essas pessoas não eram absorvidas pelo mercado de trabalho formal que possuía mentalidade fortemente aristocrata e racista, viviam à margem social, por assim dizer. Isso fazia com que vivessem em péssimas condições de moradia e precária situação de saúde e higiene, configurando uma cena urbana distante dos padrões desejados como civilizados.

As moradias nesta época eram, em sua grande maioria, sobrados e casas térreas, com a precariedade de higiene e muitas vezes em ruínas, habitadas normalmente por ex-escravos alforriados a procura de oportunidade de trabalho no centro urbano. Salvador possuía um grande fluxo de população e sua estrutura colonial prejudicava tal processo (Britto; Mello; Matta, 2017, p. 112).

Neste sentido, a lógica econômica e a forte marca da escravidão foram alguns dos elementos que delimitaram o processo de modernização em Salvador, vista pela elite aristocrática e racista, muitas vezes, como atrasada. Contudo, não podemos dizer que não houve experiência de modernidade ou que a modernização não foi desejada. Assim, um grupo, uma elite econômica e intelectual da sociedade soteropolitana encabeçou projetos que desejavam modernizar a população e a cidade, fazendo com que a Cidade da Bahia¹ conhecesse transformações em seu desenho urbano e cultural (Risério, 2004).

Além das mudanças urbanísticas ligadas ao embelezamento da cidade de Salvador, outro objetivo estava vinculado aos projetos modernizadores, a questão da higiene e saúde pública. Neste período entre séculos, pairava sobre a população, recorrentemente, epidemias de doenças infectocontagiosas. O contágio e afecção dessas doenças estavam fortemente ligados às questões sanitárias. As condições de moradia, de saneamento, de higiene influenciavam diretamente o surgimento, e o desenvolvimento dessas doenças. Isso representava marcas de atraso e incivilidade – diretamente ligadas às questões do corpo – justamente o contrário do que se pretendia.

Nesse sentido, além dos aspectos estéticos, as transformações urbanas visavam reconfigurar os ambientes públicos e privados para que não proliferassem doenças. Logo, os projetos modernizadores contavam com o apoio dos homens das ciências (médicos, articulistas, intelectuais) para destruir o que estivesse ligado ao contágio de doenças e ao que se entendia por atraso. A desapropriação de habitações coletivas é exemplo dessas ações modernizadoras, sendo justificada tanto no sentido de melhoria da higiene pública, como de embelezamento da cidade.

Aqui, vemos uma corrente científica de pensamento que orientou durante longo tempo, diversas transformações culturais, sociais e científicas. O conhecido

¹ Quando tratamos aqui de História do Esporte, ou termos similares estamos utilizando o/os termos como metonímia para trabalharmos com o que reconhecemos como objeto de estudo da área da Educação Física que são as Práticas Corporais. Para maior compreensão, ver Melo (2007).

movimento higienista. Os médicos higienistas da GMB, esses homens de ciências, como sinaliza Martinelli (2014), propuseram métodos diagnósticos e medidas terapêuticas das doenças, além de medidas e práticas de acordo com as normas estabelecidas pela Higiene, buscando adequá-las ao contexto nacional.

[...] a partir do final do Império, o higienismo como fonte de progresso se desenvolveu nos trópicos, apoiado pelo desejo de modernizar as cidades e os costumes. Essa modernização que carregou descompasso significativos em seu bojo, pois o crescimento de diversas capitais brasileiras não foi acompanhado por uma estrutura de saneamento adequada – esgotos e água encanada. A distância entre o progresso técnico almejado por diversos brasileiros e a realidade das ruas e moradias da maior parte da população parecia não ter fim (Sant’Anna, 2011, p. 287).

Para além dessas questões ligadas às transformações na estrutura de Salvador, salientamos que uma necessidade de mudança de comportamento dos indivíduos também foi objeto de desejo. Não bastava apenas mudar a estética urbana das capitais, nem possibilitar melhorias sanitárias no cotidiano social, era preciso fazer com que os homens e mulheres que formavam os cenários, se enquadrassem nas representações de modernidade que se pretendia. Uma cidade civilizada, urbanizada, moderna, exigia que corpos modernos circulassem por ela. Logo, o processo de modernização interferiu não somente nos aspectos políticos e econômicos, mas também nos aspectos culturais, transformando hábitos, costumes, comportamentos.

A modernidade exigia novos modos de agir, modos de usar o corpo, novidades nas formas como esse era representado, utilizado, pensado, estudado, novas formas de ser e estar no mundo. O período moderno deflagrou uma série de processos que culminou em formas completamente novas de olhar e tratar o corpo, novas formas de comportamentos, de construir conhecimentos e se colocar no mundo, estando essas experiências ligadas às mudanças significativas e concretas nos diversos setores. O desenvolvimento científico; a ascensão das ciências, em especial as ciências médicas; uma filosofia biológica; teorias evolucionistas; organicistas e mecanicistas “invadem” o corpo a fim de desvendá-lo, de otimizá-lo, de moldá-lo, de educá-lo nos preceitos modernos (Soares, 2005).

Neste sentido, compreendemos que o projeto de modernidade da capital baiana, como de outros locais, envolveu bem mais que mudanças econômicas,

políticas e estruturais. Seus domínios queriam se materializar nas mais variadas práticas cotidianas, a fim de tornar essas práticas, e seus praticantes, representações de uma sociedade moderna, civilizada. Logo, é compreensível a atenção ter se voltado para o corpo como palco, como representação de modernidade. Assim, partimos da premissa que houve um movimento de gestação e educação do corpo a fim de torná-lo moderno.

Alain Corbin aponta que o processo de modernidade fez com que ocorressem deslocamentos em todas as referências que dizem respeito ao corpo:

Aos poucos impõe-se a consciência da gestação social do corpo. Nesta nova perspectiva culturalista, o corpo aparece como resultado de uma construção, de um equilíbrio estabelecido entre o dentro e o fora, entre a carne e o mundo. Um conjunto de regras, um trabalho cotidiano das aparências, de complexos rituais de interação, a liberdade de que cada um dispõe para lidar com o estilo comum, com as posturas, as atitudes determinadas, os modos usuais de olhar, de portar-se, de mover-se, compõem a fábrica social do corpo. As maneiras de se maquiar, de se pentear, inclusive de tatuar – se necessário, se mutilar – e de se vestir, são igualmente características do gênero, da classe etária, do status social ou da pretensão de pertencer a determinada classe. Até a própria transgressão manifesta a força do contexto social e ideológico (Corbin, 2008, p. 8-9).

Tudo isso nos aponta para importância do corpo dentro do tecido social, ganhando relevâncias inteiramente novas. Os usos, as formas, as práticas que eram executadas não eram apenas movimentos, comportamentos, gesticulações inocentes, mas sim práticas imbuídas de significados, de representações dos mais diversos ideários. Andrea Moreno (2001), no seu estudo sobre corpo e ginástica no Rio de Janeiro, assevera como as técnicas corporais são marcas da cultura.

Nessa esteira desse pensamento, ao olharmos para os corpos, estamos vendo não apenas o objeto biológico, mas toda inscrição de um processo de desenvolvimento, de mudanças socioculturais. As sociedades que se modernizavam, inscreviam ou tentavam inscrever, de modos distintos, marcas desse processo nos corpos. Parte dessas inculcações, desejos eram providos das ciências que estava em ascensão e alcançava o cotidiano das pessoas. Esse período representou um triunfo da ciência. Ciência esta que tornou a cidade, e os corpos que nela habitavam objetos de intervenção. O espaço urbano passou ser projetado de forma cientificamente classificada, geometrizada e organizada. Em contrapartida, o

corpo passou a ser visto como uma estrutura mecânica, um motor, como as máquinas de uma sociedade industrializada (Costa; Schwarcz; 2000; Soares; 2000; Rocha 2003; Corbin, 2008).

A sociedade moderna exigia hábitos e usos do corpo que atendessem e representassem as demandas urbanas. Moreno e Amantino (2011) asseveram que desde a as incursões europeias pelo diversos países foi se constituindo a compreensão de que os corpos formavam o *ethos* de cada povo. Podemos perceber que “os usos físicos do homem dependem de um conjunto de sistemas simbólicos. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva” (Le Breton, 2010, p. 07). Logo, compreendemos o porquê de, em determinado momento de construções e implementações das transformações modernizadoras, os olhares terem se voltado para os corpos, a fim de transformá-lo, educá-los.

Devemos, contudo, lembrar que os ideários de corpos modernos, lidos aqui a partir da Gazeta Médica da Bahia, não necessariamente refletiam os corpos do seu cotidiano, mas que, pela relevância do papel médico, no momento, influenciavam as ações e práticas cotidianas.

Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é de ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade (Chartier, 1991, p. 182-183).

Desta forma, reforçamos que, ao trabalharmos com esta categoria, representação, buscamos ter em mente que existem distanciamentos entre o simbólico, o pensado por esse grupo da GMB e real cotidiano, mas que certamente o alcance desse debate influenciou a estrutura sociocultural baiana e as práticas diretamente ligadas ao corpo.

Nesta cena, Melo (2007) assegura como, no Brasil, a relação entre os tipos físicos, a partir de determinado momento do fim do século XIX, foram se construindo com relações mais próximas com as práticas corporais. Uma crescente preocupação

com a higiene, com a saúde foi delineando novas formas de lidar com o corpo, de cuidar do corpo. Aí, algumas práticas corporais, como a ginástica, alguns esportes, como o remo, foram sendo valorizadas, fazendo-se presentes e/ou desejadas, incentivadas no cotidiano.

Exemplo disso foi o crescimento de clubes e espaços para realização destas práticas. No ano de 1902, no Rio de Janeiro – Capital Federal, Vitrine do país e modelo a ser disseminado, como já dito – o jornal Tagarela (p. 07) dedicou uma seção intitulada Sport, inteiramente, a exaltar alguns clubes da capital, como o Jokey Club, o Derby Club e o Club de Regatas Boqueirão do Passeio. Esse último magnificamente instalado² e contando na sua estrutura com um barracão para aulas de ginástica.

Ao mesmo tempo em que espaços e certas práticas eram publicamente valorizados, outros comportamentos populares passaram a ser proibidos. Em 1903, ainda na então Capital Federal, Pereira Passos editou uma série de proibições municipais para eliminar, do centro da cidade, práticas que considerava contrariar os preceitos modernos, como “vender nas ruas animais abatidos, conduzir vacas por locais públicos [...], criar porcos na área urbana, mendigar” (Endres, 2009, p. 212).

Falamos aqui dessas práticas populares, mas também dos corpos que as exerciam. Eram os corpos e suas práticas culturais que deveriam ser modernizados. Os corpos e seus usos vistos como exagerados, sem controle. Corpos e práticas que destoavam do modelo econômico, efetivo, higiênico, útil da sociedade moderna.

No periódico aqui estudando, podemos perceber que a noção dos benefícios da prática da ginástica se estendia para além das questões fisiológicas, orgânicas. Existia a percepção e defesa da prática como capaz de forjar o indivíduo ideal, capaz de combater os males sociais.

Não há [...] senão um recurso para evitar a degeneração progressiva da espécie humana: é a gymnastica racional, executada na unidade do organismo [...] Não é a gymnastica de acrobaticos, difficeis e arrojados, e sim gymnastica hygienica [...] Adopte-se nas escolas primarias essa gymnastica de movimentos, systematicas, racional, therapeutica (Gazeta Médica da Bahia, 1878, p. 7).

² Optamos por manter a grafia original das fontes.

Podemos perceber como existiu um movimento novo em direção ao que era visto como práticas modernas exercidas por corpos modernos que iriam solucionar um conjunto de males vistos nos corpos e na sociedade.

Neste sentido, no ano de 1912, a Gazeta de Notícias: Sociedade Anonyma (p. 03) apresentou uma seção inteira de discussão das recomendações do Estado para o serviço de assistência no Hospital São João de Deus, dentre elas a construção de gabinete para realização a prática de higiênica e terapêutica de gymnastica assim que possível. Ao lado desta seção, o jornal ainda trazia outra, intitulada Sport, onde a prática de foot-ball era apresentada num tom de prática nobre, civilizada. Estes exemplos reforçam a ideia de que determinadas práticas – aqui, centralmente, as práticas corporais – formaram um ideário moderno, sendo recomendadas, utilizadas para educar o corpo moderno desejado, extrapolando o debate da GMB.

Seguindo essa compreensão, vários aspectos da vida cotidiana, como as vestimentas, as práticas de divertimento, práticas culturais, o cuidado com corpo passaram a ser repensados e vigiados, a fim de enquadrá-los dentro dos preceitos modernos. Aqui então, estratégias eram pensadas para formar esse corpo moderno. Dentre essas estratégias, destacamos o lugar das práticas corporais, mais especificamente, a Ginástica.

No Brasil, a partir de meados do século XIX, houve uma paulatina valorização das práticas corporais, como a natação, a esgrima e, principalmente, a ginástica em diversos espaços sociais. Essa valorização fez com que a ginástica ampliasse seu número de adeptos e defensores, à medida que sua importância para a saúde e o trabalho, para construir uma sociedade prática, pragmática e científica, ficava evidenciada pelo discurso científico hegemônico e pelas autoridades detentoras do poder (Soares; Moreno, 2015; Gaio; Gois; Batista, 2010; Soares, 2000).

Podemos afirmar que o lugar de destaque que as práticas corporais ganharam deveu-se ao fato destas carregarem em si valores que condiziam com a realidade da sociedade urbano-industrial que estava se caminhando para construir. Essas práticas simbolizavam, como apontam Melo e Peres (2014), a necessidade de superação de limites, o extremo de determinadas situações, a valorização de tecnologia, a consolidação de identidades nacionais, a busca de uma emoção controlada, o exaltar de certo conceito de beleza. O seu desenvolvimento teve grande relação com uma sociedade que enfatizava as noções de produção, precisão, desempenho e disputa, na qual lentamente se construía o Brasil.

Nesse sentido, a ginástica, conhecida como racional, foi tornando-se um dos símbolos de modernidade entre seus idealizadores. Sua prática era vista como fornecedora de uma possível educação do corpo. Educação em que o corpo visto como incivilizado, colonial, passava a ser representação da sociedade moderna. Uma sociedade higiênica, esteticamente civilizada, precisava que os indivíduos também fossem modernos, tivessem costumes e corpos modernos, e as práticas corporais, centralmente a ginástica, elemento capaz de possibilitar tal construção.

O que nós queremos apontar aqui é que a construção da cidade moderna, neste caso, Salvador, se deu para além dos espaços estruturais, físicos. Suas projeções chegaram à vida cultural, cotidiana, ao corpo que forma essa cidade, tendo o discurso científico como validador dessas mudanças. Então, compreender como se apresentaram as representações de corpo na Gazeta Médica da Bahia e como as práticas corporais apareceram, nesse contexto, pode nos apontar questões relativas às transformações socioculturais na capital baiana no período em tela e, quiçá, contribuir para compreensão da formação da Educação Física.

Seguindo esta argumentação, podemos ver que a relação entre corpo e cidade já foi amplamente debatida e existem referências diversas que discutem essa articulação no decorrer da história. Um texto clássico, neste debate, é o *Carne e Pedra* de Richad Sennett (2003), onde o autor procura entender como as questões do corpo foram expressas na arquitetura, no urbanismo e na vida cotidiana. Numa das passagens do texto, ele aponta como:

A cultura ateniense era formada por contrastes paralelos: quente *versus* corpos vestidos; homens nus *versus* mulheres vestidas; nus e espaços abertos *versus* os espaços escuros das covas e dos telhados noturnos; as exposições desafiadoras do *logon didonai* e o manto cicatrizante do *mythos*; o poder do corpo e sua frequente perda de autocontrole, devido à força das palavras *versus* corpos oprimidos, unidos no compromisso ritual, eventualmente inarticulado, injustificado ou inexplicado (Sennett, 2003, p. 74).

Isso ilustra aproximações entre corpo e os espaços. Seguindo à história das cidades, veremos que o processo de urbanização impactou os corpos de diversas formas. A Urbanização, símbolo inquestionável de modernização dos centros que se tornaram mais amplos, como os modelos do Barão de Haussman, fez com que

esses espaços se transformassem em lugares de passagens. Carros e corpos em movimento, nunca parados, sem espaços para motins ou grupamentos que pudessem desestabilizar as estruturas. O centro urbano, exemplo de transformação moderna, contribuiu para novas percepções e uma aceleração do corpo. Tudo isso aponta para relação entre o corpo e o espaço da cidade, reforçando os impactos e a argumentação de que existiu um desejo, uma noção de corpo ideal para circular nos espaços urbanos. Isso, também, torna inteligível certo desejo de construir um corpo que representasse uma sociedade moderna.

Nesta esteira, pensar as relações entre modernidade, corpo, ginástica e outras práticas corporais, a partir do que se coloca na GMB, é comungar com a compreensão que é impossível qualificar os motivos, os objetos ou as práticas culturais em termos imediatamente estáticos ou individualizados. Sua distribuição e seus usos numa dada sociedade não se organizam necessariamente segundo divisões sociais prévias, identificadas a partir de diferenças de estado e de fortuna. Falamos a partir de perspectivas abertas para pensar outros modos de articulação entre as obras ou as práticas e o mundo social, sensíveis ao mesmo tempo à pluralidade das clivagens que atravessam uma sociedade, e à diversidade dos empregos de materiais ou de códigos compartilhados. É a partir desse plural e articulado olhar teórico, que a história cultural nos permite, que situamos as nossas análises (Chartier, 1991).

Delimitamos, então, a questão de pesquisa: quais as representações de corpo presentes nas edições da Gazeta Médica da Bahia e como se apresentam a ginástica e outras práticas corporais, como práticas modernas?

Nessa conjuntura, temos como objetivo geral: compreender quais as representações de corpo presentes nas edições da Gazeta Médica da Bahia (1866-1934) e as relações entre uma educação do corpo centrada nos ideias modernizadores, procurando localizar o papel e lugar da ginástica e de outras práticas corporais nesse cenário.

Com o intuito de nortear o estudo, estabelecemos como objetivos específicos:

- Analisar, no marco temporal delimitado, as representações de corpo moderno na GMB;
- Compreender como a ginástica e outras práticas corporais foram mobilizadas para formar uma noção de educação do corpo.

Para tanto, temos como fonte primária e principal a Gazeta Médica da Bahia, importante periódico com ampla circulação. Como marco temporal, delimitamos o primeiro ciclo de produção da GMB que compreende o período de 1866 a 1934. Todas as publicações estão disponibilizadas na página virtual da GMB (<https://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia>) e também na Hemeroteca Digital. Ao final, todos os textos que cobriam nosso marco temporal, mais de mil páginas de produções que tratavam, direta ou indiretamente, dos conceitos, aqui, centrais: corpo, modernidade, ginástica e outras práticas corporais. É preciso, ainda, apontarmos que o acontecimento da Pandemia da Covid-19 impactou o desenvolvimento deste estudo, tendo que redimensionarmos para que fosse possível a sua conclusão.

Ainda sobre os aspectos metodológicos, centralizamos nossa pesquisa na História Cultural. Ela apresenta um rico potencial para nossa intenção de pesquisa que pretende se construir a partir de uma história problema, se distanciando da história factual. Aqui, o problema de pesquisa é o nosso fio condutor. Já está amplamente discutida a importância das modificações na historiografia apresentadas pela Escola dos *Annales*, como seus autores/fundadores introduzem a necessidade do Problema na pesquisa, a fim de tentar superar os limites descritivos de uma história factual. Atualmente, “[...] não se tem as condições para o início e desenvolvimento de uma pesquisa historiográfica em termos modernos quando não se tem um problema” (Barros, 2014, p. 54-55).

Sendo então o problema inerente à pesquisa histórica, teremos o nosso problema, anteriormente apresentado, como elemento chave de discussão e análise. A problemática é nosso eixo, é a partir dela que procuramos estabelecer as análises e reflexões sobre os conceitos centrais deste estudo, buscando, no cotejo entre fontes e referenciais, as leituras possíveis ao que nos propomos.

Ainda nessa esteira de pensamento, é com a História Cultural dos fins do século XX que os olhares para os objetos de pesquisa se ampliaram. Temas e objetos que até então eram marginalizados ou menosprezados passaram a ter reconhecida importância e significação no campo historiográfico. Dentre estas redescobertas – podemos dizer assim, já que não se tratou exatamente de descobrir novos objetos, mas de reconhecer, na amplitude do conceito de cultura e do que é cultural, a importância de elementos descreditados até então – as práticas culturais e as representações são conceitos centrais que integram as nossas categoriais de

análises. Sendo a ginástica uma prática corporal e, assim, cultural e as representações de corpo moderno foco de nossa pesquisa, é mais que coerente à articulação com a História Cultural (Barros, 2004; Burke, 2008).

Pensando sobre práticas e representações, dentro da História Cultural, veremos que as construções em torno das representações (de corpo) influenciam e são influenciadas pelas práticas no cotidiano de cada contexto sociocultural. Logo, podemos inferir que as formações do que se entendiam como corpo moderno, também, elegeram, construíram formas de usos e práticas em torno dessas representações. Assim, tanto a ideia de corpo moderno, como as estratégias que possibilitariam a formação desse corpo podem ser discutidas a partir destes conceitos de representações e práticas que a História Cultural habilita. Isso porque há:

[...] tentativas de decifrar de outro modo as sociedades, penetrando na meadas das relações e tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, importante ou obscuro, um relato de vida, uma rede de práticas específicas) e considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles (Chartier, 1991, p. 177).

Nesta perspectiva que situamos as relações contraditórias, de tensões que podem ter construído as representações de corpo presentes no debate médico da GMB, buscando analisar, nesse íterim, o lugar das práticas corporais como sinônimo de modernidade. Ainda, Chartier (1991), em *O Mundo Como Representação*, nos faz entender que as produções culturais, sejam elas teóricas ou práticas – aqui, pensando nas produções textuais da GBM e o lugar das práticas corporais – se inserem num jogo de produção que extrapolam o objeto de produção em si. Falam sobre e si e sobre o contexto que compõe.

É preciso dizer, ainda, como a História Cultural acabou por legitimar mais especificamente a História do Esporte. O reconhecimento, e lugar de centralidade que passaram a ter as práticas, colocaram então as corporais e entre elas, o esporte, como uma das possibilidades reconhecidas de se trabalhar a história.

Graças a essa virada em direção às práticas, a história do esporte, que antes era tema de amadores, tornou-se profissionalizada, um

campo com suas próprias revistas, como *International Journal for the History of Sport* (Burke, 2008, p. 78).

Neste sentido, apontamos o campo Interdisciplinar de conexão que obviamente estabelece este estudo com a História do Esporte³. Este campo que se constitui da interseção da Educação Física e da História, mas que já tem grau de desenvolvimento suficiente para se garantir enquanto área, campo de conhecimento independente. Por todo dito, apontamos o caráter multidisciplinar que esta pesquisa configura.

Dessa forma, quando nos propomos analisar nosso objeto a partir das fontes estabelecidas, podemos indagar as visões tradicionais sobre o desenvolvimento de questões, como a ginástica, educação do corpo e modernidade. É nesse sentido que localizamos a justificativa da pesquisa. No intuito de contribuir para novas discussões na área História da Educação Física e do Esporte. Apesar da reconhecida importância, os estudos no que tange as análises sobre a Educação do Corpo e Ginástica, quando tratamos da Salvador, esses ainda são incipientes. Por isso, acreditamos ter esta pesquisa relevante contribuição – e claro desafio – como proposta inédita e original na área, principalmente, por mobilizar a *Gazeta Médica da Bahia* para esta construção.

Quanto à estruturação desta tese: na primeira seção, esta Introdução, debate inicial da pesquisa. Na segunda seção, **Na Marcha Modernizadora**, buscamos fazer uma análise dos provimentos, projetos de modernidade, do ponto de vista conceitual e sua experiência no país e, mais especificamente, em Salvador.

Na terceira seção, **Ciência e Modernidade: a Gazeta Médica da Bahia**, compreender o papel da ciência médica e o desenvolvimento de uma organização da divulgação científica que precederam e contribuíram para a realização da *Gazeta Médica da Bahia*. Além de analisar como se deu a criação da *Gazeta Médica da Bahia*; quais ideais nortearam as suas produções; como se organizou este periódico.

Já na quarta seção, **Representações de Corpo na GMB: ginástica e outras práticas corporais na educação do corpo moderno**, buscamos analisar as representações de corpo moderno presentes na GMB e, também, estabelecer reflexões acerca das relações existentes entre a construção de corpos modernos e a

³ Quando tratamos aqui de História do Esporte, ou termos similares estamos utilizando o/os termos como metonímia para trabalharmos com o que reconhecemos como objeto de estudo da área da Educação Física que são as Práticas Corporais. Para maior compreensão, ver Melo (2010).

ginástica e outras práticas corporais neste contexto. E então, caminhamos para as considerações finais.

2 NA MARCHA MODERNIZADORA

Ao ampliar o contato e negociações com outros países, a partir do século XIX, o Brasil movimentou-se no sentido de acertar o compasso da onda modernizadora. Com o aumento do fluxo econômico e trocas culturais, desde a chegada da família real em terras brasileiras em 1808, diversas cidades do país viam-se imersas em transformações profundas em quase todos os aspectos. Essas mudanças foram se intensificando e ganhando força e contornos nítidos, inclusive, em projetos políticos das cidades, notadamente, a partir da segunda metade do século XIX. Tais mudanças contavam com a tutela da ciência que estava em acelerado desenvolvimento, orientando diversos setores da vida.

Dessa forma, aqui, interessa-nos compreender como se deram essas transformações nos modos de vida, nos seus aspectos culturais, para então compreender quais as representações de corpo moderno nas páginas da Gazeta Médica da Bahia – fonte de nosso estudo. Neste sentido, o que se segue nesta seção é o debate sobre a construção dos ideais modernizadores em Salvador e os impactos que eles causaram.

2.1 SALVADOR E OS CONTEXTOS DE MODERNIZAÇÃO

Desde meados do século XIX o Brasil estava imerso em uma atmosfera de muitas transformações que reconfigurou o cotidiano do país. Esse movimento seguiu se intensificando e tomando contornos mais nítidos na virada e início do século XX, levando o país ao que se entendia e pretendia como modernidade. Assim, diversas cidades brasileiras, em maior ou menor grau, entraram no ritmo dessas mudanças que tinham o progresso e a civilização como palavras de ordem.

Essas orientações nortearam os processos modernizadores, de um modo geral. Sobre a modernidade, Marshall Berman (1986) nos diz como, desde a Revolução Francesa e suas reverberações, de maneira abrupta e dramática, uma nova forma de viver se configurava. Uma era em que se desencadearam explosivas convulsões em todos os níveis da vida pessoas, social e política. Atmosfera de intensas transformações da qual o Brasil não passou ileso, mas vivenciou da sua forma, no seu ritmo a experiência moderna.

Nesse sentido, Leite (1996) aponta que cidades do país, como Recife, Belém, Porto Alegre, Fortaleza, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo seguiam tentando efetivar seus projetos modernizadores. Isso de dava de diversos modos, dentre eles com a instauração e ampliação nos números das indústrias no país, bem como instauração de maquinários elétricos nessas indústrias; o desenvolvimento da rede elétrica; a expansão de malhas ferroviárias; ampliação e reestruturação da estrutura urbana; o cinema e a fotografia; as técnicas de controle de doenças pela medicina; as ondas migratórias são exemplos dos acontecimentos que transformaram a realidade brasileira.

No período aqui estudado, grandes acontecimentos marcaram a virada do Brasil para a Modernização. Podemos citar a própria transformação da cena política, a passagem da Monarquia à República que, apesar de ter se dado nos fins dos oitocentos, se estabilizou mais nitidamente na virada para o século XX, outro fato marcante no movimento brasileiro para a modernização. Sinônimo de modernidade, o novo regime buscava, além da estabilização da política nacional, formas de inscrever a República nos corações e nas mentes das pessoas através de símbolos e estratégias que marcassem sua vitória e sua marcha incontestável ao progresso (Neves, 2003). Modernização era significação de progresso.

Outro fato marcante foi a abolição da escravidão que, com muitos problemas e desafio, a partir de tensões e pressões, além de tardiamente, orientou-se no sentido, também, de projetar certa ideia de civilidade. Já que o Brasil foi o último país das Américas a abolir o regime escravocrata, muito por pressões e revoltas, menos por conscientização dos senhores de escravos e elite, no geral. Risério (2004) assegura que, mesmo antes do emblemático 13 de maio, o prestígio antes associado à posse de escravos esfumava-se. Não era de bom tom os possuir. O que queremos apontar é que, em determinado ponto do século XIX, e não sem resistência da elite escravocrata, instalou-se, lenta e tardiamente, a ideia que o regime escravocrata era uma marca de atraso.

Contudo, não podemos dizer que esse desarranjo se traduziu em ações de libertação dessas pessoas por parte dos senhores de escravo. Em Salvador:

[...] a manutenção do trabalho escravo era importante para uma área decadente da Bahia. Por essas e por outras coisas, podemos dizer

que a libertação dos escravos da Bahia foi muito mais obra dos próprios escravos do que de nossos intelectuais, artistas e políticos. Da fuga à aquisição de alforria, os escravos não deixaram de manobrar um minuto sequer para se ver livres da dominação senhorial. Com o avanço social do sentimento antiescravista, melhor ainda. Negros e mestiços continuaram incansáveis em sua batalha pela autonomia social (Risério, 2004, p. 402).

Tanto na passagem para o Brasil República, como no processo de abolição, a elite baiana se mostrou resistente. Havia, como aponta Risério (2004) um enraizado conservadorismo que, no fim, estava disposta a resistir às transformações para manter a estrutura que lhes garantia poder.

Num sentido próximo, Costa e Schwarcz (2000) apontam que a escravidão deixava marcas evidentes no cotidiano local – se olharmos atentamente, ainda as deixam. Pensando na relação Escravidão-República, as autoras ainda afirmam que era difícil a convivência entre o projeto republicano, que vendia-se como moderno, e o sistema escravocrata, que levava a conformação de uma sociedade patriarcal, marcada pelas relações de ordem pessoal, violenta e na qual vigorava um profundo preconceito em relação ao trabalho braçal. “Não se passa impunemente pelo fato de ter sido a última nação a abolir o cativo, já que até maio de 1888 era possível garantir a posse de um homem por outro” (Costa; Schwarcz, 2000, p. 11).

Ter em mente esses fatos, e a forma como foram delineados em Salvador, é necessário para compreendermos como as ideias de modernização e civilidade que circularam na capital baiana, e os desenvolvimentos de pensamentos e teorias científicas que circularam pela Gazeta Médica da Bahia no que diz respeito à organização social baiana em diversos aspectos, principalmente, aqui, no que trata da saúde social e representações de corpo, como discutiremos mais a frente.

Seguindo a discussão, podemos ver que várias foram as mudanças que seguiam no sentido de conferir melhoramentos, desenvolvimentos – estruturais, políticos, econômicos e culturais – às cidades brasileiras, notadamente às capitais. Essas capitais que, até então, possuíam ainda configuração colonial, passaram a desenvolver ar cosmopolita. Viram seu ritmo, sua estética e sua lógica cotidiana aumentar o compasso, seguindo rumo ao progresso. Progresso e civilização que tinha como modelo central os países europeus. E, se pensarmos mais centralmente nas características culturais, veremos que o modelo idealizado era o parisiense.

O Brasil buscou se projetar para fora a partir da segunda metade do século XIX, essa projeção foi se intensificando com o passar dos anos. Ao se colocar no cenário mundial, como já apontado, constatou-se um grande atraso no desenvolvimento do país que ainda mantinha características predominantemente coloniais, mesmo nas cidades mais desenvolvidas. Foi a partir daí que a percepção de certo desarranjo na imagem brasileira, em comparação aos outros países, se instaurou. O que culminou em diversos movimentos que possibilitaram as mudanças mencionadas para forjar um Brasil moderno.

Essa sensação de desarranjo tornou-se acentuada numa parcela da população brasileira, a elite econômica e uma elite intelectual, afinal eram essas pessoas que vivenciavam mais significativamente os benefícios das articulações e contatos com outros países. Esses grupos encabeçaram os projetos de transformação nacional que seriam norteados pelo discurso científico e tecnológico.

Estamos falando, portanto, de um momento em que uma certa burguesia industrial, orgulhosa de seu avanço, viu na ciência a possibilidade de expressão de seus mais altos desejos. Tal qual uma revolução industrial que não acaba mais, aqueles homens passavam a domar a natureza a partir de uma miríade de invenções sucessivas. Cada novo invento levava a uma cadeia de inovações, que por sua vez abria perspectivas e projeções inéditas. Dos inventos fundamentais aos mais surpreendentes, das grandes estruturas aos pequenos detalhes, uma cartografia de novidades cobria os olhos desses homens, estupefatos com suas máquinas maravilhosas (Costa; Schwarcz, 2000, p. 10).

Sabemos que o a modernidade teve como figura norteadora a ciência. O desenvolvimento científico intensificado apontava quais os caminhos que se devia seguir para atingir o sonhado progresso, a almejada modernidade, alcançando os mais diversos setores da vida. Seguindo o debate de Sevcenko (2006), é possível perceber como se deu início um tempo mais acelerado, impulsionado por novos potenciais energéticos e tecnológicos, em que a exigência de acertar os ponteiros brasileiros com o relógio global suscitou a hegemonia de discursos técnicos e científicos confiantes em representar a vitória inelutável do progresso e, por isso, dispostos a fazer valer a modernização.

Neste sentido, Costa e Schwarcz (2000) apontam como o movimento modernizador teve estreita ligação com o desenvolvimento científico. A ciência teve

papel fundamental no progresso social. As autoras asseguram como a passagem do século XIX para o século XX construiu um intensificado desejo, um imaginário de que esse seria o momento das realizações, da efetivação dos projetos de controles das intempéries naturais. Aqui, podemos apontar como o conhecimento médico, a saúde social, colocou-se como privilegiada para orientar e possibilitar mudanças nos hábitos, costumes e práticas culturais que eram vistas como incivilizadas e causadoras de diversos problemas sociais, como as recorrentes epidemias de doenças infectocontagiosas.

Se existiam esses movimentos em busca de modernização e o desejo pelo progresso se disseminava pelos quatro cantos do país, não podemos, contudo, afirmar que existia consenso ou homogeneidade, nem nos discursos da elite defensora desse movimento, tão pouco na população, de modo geral. As experiências concretas, bem como os arranjos pensados variavam de contexto para contextos, isso porque a ocorrência concreta das transformações estava diretamente vinculada a elementos como potencial econômico das cidades, características culturais e políticas. Essas características delimitadoras interferiam e moldavam as experiências de modernização de cada cidade brasileira. Isso significa dizer que as cidades vivenciaram esse processo de modernização de diferentes formas, a partir das suas realidades.

Nesse sentido, centralizando nosso olhar em Salvador, para compreendermos como se deu esse processo na capital baiana no período em questão, esta capital que foi elo do país com nações do exterior, foi em seus portos que, durante muito tempo, desembarcou muitas influências estrangeiras. No período em tela, Salvador experimentava os impulsos modernizadores a partir do que o seu contexto econômico, político e cultural permitiam. A capital baiana vivenciou de maneira própria e peculiar esse processo que eclodia pelo país. Risério (2004) aponta que, durante o século XIX, a Cidade da Bahia não se armou para ir assumindo um ritmo industrial. Sua capitalização era fraca, havia a enorme dificuldade de transporte, a carência de energia. Ao mesmo tempo, o comércio corria bem. O comércio foi de fato a atividade mais expressiva, nesse âmbito, tanto no Império quanto na chamada República Velha. Esse desenvolvimento e dependência do comércio assegurou o enriquecimento desse grupo, ao mesmo tempo em que travou o desenvolvimento de

industrial, já que não se interessavam em investir no ramo da indústria a fim de manter controle financeiro.

Se a indústria era um dos símbolos de modernização e não se conformou com a solidez necessária na capital baiana, durante o século XIX, já no início do século XX, Salvador passava ainda por uma fase de decadência, identificando-se com os ares dos séculos passados, tempos em que viveu seu auge, como assevera Rocha Junior (2011). Tal fato aponta para o distanciamento dessa representação moderna que foi industrialização, fazendo com que a capital delineasse sua modernização de forma distinta, nessa questão.

No que se refere ao crescimento demográfico, consequência e marco também da Modernidade, Eloisa Pinheiro (2011) aponta como Salvador cresceu e se desenvolveu de forma não planejada, com um traçado típico colonial, organizando-se em função da mão de obra escravista até o início do século XX, quando é alvo de uma reforma urbana, para inserir-se no mundo das cidades modernas e civilizadas. Essa reforma específica se deu no governo de José Joaquim Seabra. Foi mesmo nesse momento que a paisagem soteropolitana começou a ser significativamente transformada nos sentidos do que se entendia por modernização. Silva (2013) afirma como o primeiro⁴ mandato de Seabra representou um importante período de ruptura na história de Salvador, dividindo a paisagem urbana da cidade num antes e depois.

Quando J.J. Seabra assumiu o governo do estado, seus objetivos giravam em torno de urbanizar Salvador aos moldes modernos. Seabra vislumbrava reformar a área portuária; urbanizar a parte central da cidade e investir em reformas sanitárias. O objetivo era deixar a Salvador parecida com as cidades europeias, símbolo de modernidade e urbanização bem-sucedidas (Silva, 2013).

O que queremos sinalizar aqui é que essas reformas, além de terem uma fundamentação científica para garantir uma efetivação da civilidade pretendida, estavam inseridas num contexto de objetivos que alcançaram não apenas a estrutura urbana, física da cidade, mas as práticas culturais, os modos de vida da população baiana. Isso reforça nosso argumento de que a modernização da cidade de Salvador culminou em novas formas de representação de corpo. Um novo corpo,

⁴ J. J. Seabra governou a Bahia em dois mandatos. O primeiro entre os anos de 1912 a 1916, e o segundo entre os anos de 1920 a 1924.

um corpo moderno era desejado para integrar essa cidade moderna, tudo isso balizado pelo saber científico, mais especificamente, o saber médico.

No quadro ambíguo, próprio dos processos de modernização, as paupérrimas condições de vida de grande parte da população, em contraste com um grupo que vivenciava o positivo visível, despertaram uma mentalidade de reação a essa cena. Diversos escritores, médicos e filósofos começaram um discurso de melhoria de vida da população. Sem dúvida essa mentalidade que começou a ser construída foi dar suporte ao “movimento higienista” (Gois Junior, 2003). Esse movimento foi fundamental na orientação de reformas modernizadoras no país e, mais especificamente aqui, em Salvador, como veremos mais adiante.

Neste sentido, enquanto a elite, de um modo geral, desfilava e vivenciava as sofisticadas transformações da Modernidade, uma grande parcela da população estava em contato direto com as mazelas da modernização, configurando a cena urbana num complexo ambíguo e contraditório.

O quadro difuso e instável das cidades brasileiras, já naturalmente hipertensionado pela escravidão e seus processos de exclusão social, tendeu a se agravar com a Abolição e com a instauração dos princípios democráticos. Surgia então a figura aterradora da massa de “cidadãos” pobre e perigosa, viciosa, a qual emergia a emergência da multidão de casas térreas, de estalagens e cortiços, de casas de cômodos, de palafitas e mocambos que eram a vastidão da paisagem herdada do Império. Acusadas de atrasadas, inferiores e pestilentas, essas populações seriam perseguidas na ocupação que faziam ruas, mas sobretudo seriam fustigadas em suas habitações (Sevcenko, 2006, p. 133).

Na Cidade da Bahia, no período aqui demarcado, vários momentos foram caóticos. A miséria e o acometimento frequente de doenças traziam sofrimento à boa parte da população. Barreto e Souza (2011, p. 49) a afirmação de que Salvador era uma cidade enferma, com taxas de morbidade e mortalidade muito elevadas, “doenças como a desintéria, a difiteria, a febre tifoide, a malária, varíola acometiam os soteropolitanos com frequência assumindo caráter quase endêmico”. As epidemias de febre amarela e cólera-morbo, na década de 1850, foram exemplos de eventos sanitários com elevados número de vítimas fatais e, mesmo com o passar dos anos, muitos foram os momentos em que acontecimentos semelhantes se deram,

formando então uma representação distante de civilidade, higiene e controle que se almejava.

Entre epidemias constantes; condições de moradias que reforçavam esses acometimentos; práticas culturais de negros (entre escravizados e libertos) e mestiços e pobres; falta de saneamento básico; baixa escolaridade da maioria da população e outras questões, podemos ver que as ruas de Salvador acumulava um apanhado de coisas que eram vistas como indesejadas, proporcionalmente opostas à ideia de civilidade, no período.

Foi nesse cenário de caos e práticas que reforçavam uma imagem desordenada e atrasada de Salvador, que as orientações dos médicos foram ganhando forma para que se pudesse concretizar transformações no cotidiano. É contra essa dissonância que os projetos modernizadores foram agir, buscando garantir uma saúde social adequada e, conseqüentemente, uma imagem social que se aproximasse da representação de modernidade.

Neste período, o desenvolvimento da corrente médico-higienista ganhou relevância, estabelecendo diretrizes para a conduta social. A necessidade de higienização, limpeza, práticas que pudessem modificar o quadro sanitário do país, e de Salvador, era preocupação constante dos médicos e dirigentes. Tais figuram viam como urgente a mudança nas práticas e mentalidade da população.

Dentre as estratégias elaboradas para atingir a higiene necessária, os higienistas reconheciam a importância de uma educação que se enquadrasse nos objetivos desse movimento. Objetivos esses que não se restringiam ao controle das variáveis físicas, biológicas, mas que também buscavam uma retidão moral, uma disciplinarização necessária para atender as demandas sociais da época. Assim, os higienistas indicavam quais medidas deveriam ser tomadas pela população e governo, inclusive nas instituições escolares. Contando com o apoio de articulistas, apontavam como elemento basilar para formar o homem higiênico, o cuidado com o corpo, onde a prática de atividades físicas possuía fundamental importância (Machado, 2018, p. 14).

Desta forma, dentre os vários movimentos em prol da modernização, buscaram tirar e transformar dos centros urbanos, das vitrines sociais, os corpos, práticas e tudo que fosse ligado à ideia de atraso, que fugisse ao ideal estético, higiênico e cultural do progresso. Contraditoriamente, esse mesmo processo aprofundou e

afunilou as desigualdades, fazendo com que essa população vista como destoante saísse, em vários casos, das zonas centrais, mas se amontoassem em espaços igualmente precários, como foi o caso do surgimento dos morros e favelas.

O exemplo claro desta cena ambígua é o caso do Rio de Janeiro, então Capital Federal e vitrine do país, enquanto a elite desfrutava da construção da Avenida Central, a população que morava em cortiços, habitações coletivas, foi desapropriada sem a devida assistência, migrando para morros fazendo surgir e multiplicar favelas.

Se a modernidade anunciava o desenvolvimento em diversos aspectos, inclusive o econômico, não podemos dizer que esse foi um acontecimento linear e homogêneo. Como já foi dito anteriormente, Salvador estava, nesse momento, vivenciando um estado de declínio. Nesse período, a Bahia já não se encontrava, em termos políticos ou econômicos, entre as principais unidades constitutivas da jovem nação brasileira. “Em início do século XX, Salvador nos surge, sob múltiplos ângulos, uma cidade paralisada” (Risério, 2004, p. 457). Enquanto outras capitais do país, como o Rio de Janeiro, vivenciavam crescimentos econômicos, industriais, migratórios intensos, a capital baiana experimentava essas transformações de modo tímido, discreto.

Também, a cena política tensa que se configurava na Bahia, neste período, foi um ponto que interferiu significativamente para Salvador seguisse um ritmo próprio e, por vezes, confuso de modernização. A cultura coronelista dos sertões baianos marcava momentos de tumultos constantes na capital e no estado. A primeira República foi assinalada por vários conflitos políticos. Exemplo disso foi o bombardeio da cidade de Salvador em janeiro de 1912.

O jogo político articulado para eleição de J.J. Seabra como governador da Bahia, em 1912, se constituiu de forma tensa, com oposições e resistências diversas. Rui Barbosa, principal opositor de Seabra, elaborou um plano ousado na tentativa de desarticular os seabristas que contavam com apoio federal, com o intuito de manter o controle do poder estadual. Este plano consistia na convocação da Assembleia Estadual em uma cidade do interior. A cidade escolhida foi Jequié. A pouco mais de 360km da capital, “tratava-se, seguramente, de um lugar remoto, onde o governo estadual poderia assegurar os resultados que o manteriam no poder” (Sarmiento, 2011, p. 138).

A partir da convocação da Assembleia Estadual para Jequié, no primeiro dia de mandato do novo governador Aurélio Viana, os acontecimentos se precipitaram. Os seabristas da Câmara e do Senado Estadual, cada vez mais numerosos com o evidente fortalecimento do ministro, queriam manter a Assembleia em Salvador. Eles alegavam que a mudança de sede teria que partir dos parlamentares, e não do governador, como aconteceu. Começou, então, uma batalha jurídica, durante a qual os seabristas obtiveram do juiz federal instalado na Bahia, Paulo Martins Fontes, um habeas corpus garantindo sua entrada no prédio da Câmara, que vinha sendo guardado pelas forças do governo. Foi esse o estopim do bombardeio (Sarmiento, 2011, p. 138).

O bombardeio foi um dos episódios mais violentos e lamentáveis da história de Salvador. O número de mortos e feridos é impreciso, mas sabe-se que foram numerosos. Além das vidas perdidas e das pessoas feridas, o acontecimento destruiu grande parte do patrimônio histórico da cidade e do país, já que “o palácio do governo foi incendiado e a biblioteca pública, que ali estava instalada, foi destruída. Livros da época colonial foram perdidos para sempre” (Sarmiento, 2011, p. 139). Estes impactos são sentidos até os dias atuais, inclusive no desenvolvimento das pesquisas históricas, já que documentos e fontes foram destruídos aí.

Imagem 1 – Palácio do Governo da Bahia após Bombardeio de 1912



Fonte: <http://www.projeto memoria.art.br/RuiBarbosa/fotografias/palacio.htm>

Esses fatos nos apontam como foi um período marcado por tensões e conflitos, acentuando as cenas de ambiguidade do desenvolvimento da capital baiana. Se o bombardeio levou à destruição danosa e, incontestavelmente, impactou negativamente as cenas sociais, culturais e humanas, ele também possibilitou um ambiente propício a implementação do projeto urbanizador de Seabra, ao menos na área central, e marcou sua ascensão definitiva ao poder.

Com a cidade destruída pelo bombardeio e com a saúde pública em precariedade, Seabra realiza diversas mudanças na paisagem urbana alargando vias, calçando e arborizando ruas, destruindo monumentos, construindo prédios públicos buscando criar uma Salvador “nova” no “velho” lugar (Silva, 2013, p.43).

Assim como em outras cidades, o projeto urbanizador da capital baiana foi pensado e efetuado sem diálogo com a população, de um modo geral. Pensado e defendido pela elite econômica e intelectual local, este projeto ficou historicamente conhecido como um urbanismo demolidor que destruiu casarões e construções tradicionais. O objetivo era apagar tudo que ligava Salvador ao seu passado colonial. Característica própria dos processos de modernização que se constituem na confluência de tensões entre o novo e o tradicional.

Como podemos perceber, entre aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais, a Cidade da Bahia vivenciou, no período aqui estudado, diversos acontecimentos que delinearão a sua experiência com o processo de modernização. Se até aqui falamos dos projetos e mudanças estruturais na cidade de Salvador, é preciso que, neste ponto, voltemos nosso olhar para as transformações na vida cotidiana dessa cidade. As reconfigurações urbanas foram causa e consequência de alterações nos modos de vidas das pessoas. Como já apontamos, não bastava apenas urbanizar as cidades, ampliar as ruas, higienizar o ambiente, modernizar a economia, era preciso mudar os hábitos e costumes da população para que ela se adequasse e fosse representação da modernidade.

2.2 MODERNIZANDO OS COSTUMES: COTIDIANO E CULTURA

O movimento modernizador não se deu apenas no nível estrutural, econômico, político, como apontamos. A modernidade transformou os modos de vida por onde se espalhou, em maior ou menor grau, impactou os mais diversos aspectos da vida humana. Isso porque a compreensão e representação do que seria uma sociedade moderna perpassou pelas práticas culturais e modos de vida da população.

A palavra de ordem era a negação do passado e a substituição de tudo aquilo que pudesse ter alguma relação com a herança colonial, escravista ou negra, quer esta se manifestasse através da arquitetura, do desenho urbano ou dos hábitos dos cidadãos (Pinheiro, 2001, p.19).

Logo, fazia parte dos ideais modernizadores não apenas urbanizar a cidade, mudar sua estética, mas também reformas no que dizia respeito ao comportamento da população. Esses movimentos de mudanças no comportamento das pessoas nos projetos não foram inéditos. A própria ação da modernidade, sua expansão e potencial modificador das realidades, até então experimentadas, foram sentidas e observadas para além da ação do estado. A aceleração do tempo, os novos arranjos de trabalho, os usos do tempo livre, bem como dos espaços, são exemplos da ação modernizadora desde o seu período de eclosão na Revolução Industrial, se intensificando com o passar dos tempos.

Neste sentido, Sevcenko (2006, p. 07) assevera:

Estimuladas sobretudo por um novo dinamismo no contexto da economia internacional, essas mudanças irão afetar desde a ordem e as hierarquias sociais até as noções de tempo e de espaço das pessoas, seus modos de perceber os objetos ao seu redor, de reagir a estímulos luminosos, a maneira de organizar suas afeições e de sentir a proximidade ou o alheamento de outros seres humano.

Todas essas mudanças foram proporcionadas e intensificadas pelo desenvolvimento técnico e científico que acelerou a lógica cotidiana. Veras (2019) nos aponta alguns impactos das novidades modernas, como as máquinas que imprimiam rapidez no dia a dia, o cinema e a fotografia abalavam o conceito de arte; o fonógrafo permitia a gravação e reprodução de áudios; a publicidade ensaiava os

primeiros passos. Tais mudanças efetivamente positivas, também acabam por assumir, em determinados momentos, estranhezas e negatividades.

As ambiguidades do progresso, porém, também estavam presentes e assustavam. Os aviões subiam aos céus, mas o cometa Biela passava pelos ares gerando medo e apreensão. A mesma luz elétrica que movia os bondes e tirava as cidades da escuridão promovia acidentes; choques às vezes fatais (Costa; Schwarcz, 2000, p. 11).

Nesse contexto, é inegável as mudanças que se deram na vida cotidiana. Às vezes positivas, às vezes negativas e, às vezes, as duas formas. As transformações aconteceram de forma inquestionável, inelutável e visavam, notadamente, a modificar a vida, costumes e práticas dos mais pobres, da grande massa.

Nesse sentido, falamos de um movimento objetivando as transformações dos costumes, dos hábitos e práticas de camadas sociais mais pobres, que pode ser entendido mesmo no nível de perseguição, em determinados momentos, como foi o caso da conhecida Revolta da Vacina. Inquestionável do ponto de vista da importância da vacinação para o controle da varíola, a forma como se delineou o processo de vacinação foi mesmo autoritário e, até certo ponto agressivo. Desconsiderando um processo que fosse capaz de conscientizar a importância da vacina para saúde pública, esse acontecimento foi um claro exemplo de como o desenvolvimento científico, em prol de transformações entendidas como modernas, aconteceu orientada por determinada elite intelectual e sem diálogo adequado com a população.

Quando pensamos em Salvador, vamos ver que com grande parte da população negra, destoando do ideal eugenista de modernidade, muitas práticas deveriam ser abolidas. Isso porque o centro urbano deveria ser a representação do ideário moderno de civilidade europeu, branco e elitizado. Assim, não só estas práticas passaram a ser indesejáveis e combatidas, como outras práticas surgiram e passaram a ser vistas como ideais, desejáveis, apontando um desejo de controle sob o cotidiano e as práticas culturais populares.

Nessa esteira, Salvador sentiu a ação civilizatória pesar nos seus dias. Com uma população predominantemente negra e, por isso, destoando do ideal de

modernidade europeia em que se espelhava, diversas práticas culturais passam a ser combatidas na capital baiana.

Então, se faziam necessárias ações mais abrangentes, que conseguissem penetrar nas práticas cotidianas do povo, principalmente das camadas populares, pois as suas ações eram vistas como bárbaras, incivilizadas, completamente contrárias ao que se desejava. Certos hábitos, tradições, preferências por atividades lúdicas ou de entretenimento, como o uso da bebida alcoólica, as jogatinas e mesmo uma chamada malandragem, estavam fortemente arraigadas na alma da maior parte das pessoas, sobretudo, das camadas populares, que formavam majoritariamente a população baiana. Sendo assim, este estrato da população destoava da camada elitizada, não só sob o ponto de vista socioeconômico, mas também no cultural (Machado, 2018, p. 32).

Nesta conjuntura, Pinheiro (2011) aponta como os problemas sociais passaram a disfarçar-se, e os sinais de pobreza esconderam-se, até certo ponto. No Centro, habitado por uma população em busca de oportunidades de trabalho dia após dia, proibiu-se a circulação de mendigos e de vendedores ambulantes, excluindo-se a população que vivia nos limites da legalidade e que sobrevivia com biscates, mal remunerada, subempregada, sem ocupação fixa.

Estas cenas ambíguas e de constantes tensões eram marcas concretas do processo de modernização que, apesar de ser um projeto verticalizado, pensado por uma elite econômica e intelectual, não se instaurou sem resistência da população, que desenvolveu suas estratégias de sobrevivência e manutenção das práticas culturais que identificavam seus grupos.

No contexto de Salvador, essa ambiguidade se intensificava por diversos motivos. A própria divisão da cidade em dois planos, Cidade Alta e Cidade baixa, reforçava esse contraste, não apenas na topografia, mas também nas representações estéticas e culturais. Enquanto Cidade Alta estava ligada a uma noção de beleza, civilidade e riqueza naturais, a Cidade Baixa ligava-se à sujeira, desordem, feiura. “o contraste entre as cidades alta e baixa é acentuado ao extremo por aqueles que visitam Salvador oitocentista. Numa, eles experimentam náusea – e mesmo nojo; noutra, o prazer, a sedução sensorial” (Risério, 2004, p. 296).

Enquanto algumas práticas culturais passaram a ser combatidas e demonizadas, outras práticas culturais começaram a ser valorizadas por

representarem o que se entendiam como moderno e civilizado, dentre elas algumas práticas corporais modernas. A paulatina valorização das atividades físicas teve impactos claros nos novos modelos de corpo socialmente aceitos e nos hábitos cotidianos da população, notadamente de lazer (Melo, 2007).

Nesse sentido, com objetivo de unificar uma imagem de modernização e civilidade, muitas mudanças eram apontadas como ideais. Enquanto algumas práticas culturais passaram a ser combatidas e demonizadas, outras práticas culturais começaram a ser valorizadas por representarem o que se entendiam como moderno e civilizado, dentre elas algumas práticas corporais modernas. A paulatina valorização das atividades físicas teve impactos claros nos novos modelos de corpo socialmente aceitos e nos hábitos cotidianos da população (Melo, 2007).

Nesta linha, Rocha Junior (2011) assegura como, no período de instauração do projeto de modernidade em Salvador, o remo foi uma das práticas que contava com essa representação, tendo sido compreendida como uma atividade esportiva típica dos valores modernos, ajustada às novas exigências de comportamento e posturas, morais e corporais.

Uma das práticas corporais que figurou o ideário desejoso da modernização da capital baiana foi a ginástica. Ela simbolizava a necessidade de superação de limites, o extremo de determinadas situações, a valorização de tecnologia, a consolidação de identidades nacionais, a busca de uma emoção controlada, o exaltar de certo conceito de beleza. O seu desenvolvimento tem grande relação com uma sociedade que enfatizava as noções de produção, precisão, desempenho e disputa (Machado, 2018; Melo; Peres, 2014). Noções burguesas modernas que estavam presentes nas práticas.

Quando falamos de corpo, de uma educação do corpo, no período em questão, estamos falando, principalmente, da comunidade médica. Essa comunidade apontava caminhos e práticas para modelar o corpo e a sociedade baiana, mas isso já sinalizamos. Agora, precisamos entender como se deu a construção desse saber médico que, vinculados ao pensamento higienista, se mobilizou para formar uma medicina social que fosse capaz que contribuir para todas as transformações apontadas.

Nesse caminho, Gois Junior (2003) assegura que, desde século XIX, o movimento higienista já se encontrava em alicerces sólidos. Vários profissionais de diversas áreas começam a disseminar seu discurso de melhoria dos padrões de vida. O argumento de autoridade do ideário era a urgência – comprovada pelas teses científicas – na intervenção da sociedade nos problemas da população. Sem apresentar uniformidade de pensamento no que se referiam ao modo, caminhos e até teorias gerais, os médicos higienistas tinham em comum esse desejo de sanar as mazelas sociais.

Foi nesse intuito de materializar os seus pensamentos e teorias que materiais começaram a circular entre comunidade científica e, também, público em geral. Pensando em disseminar seus ideais, periódicos e jornais foram construídos. Nesse cenário, nasceu a Gazeta Médica da Bahia. Desde o seu surgimento até um longo período, a GMB se consolidou como o mais importante órgão da imprensa médica brasileira, tendo seu primeiro número em 10 de julho de 1866.

A GMB objetivava a circulação do pensamento médico entre si, a troca de conhecimento, mas também, pretendia que o debate atingisse governantes capazes de investir em mudanças sociais, e a população, de um modo, geral, para que fosse possível construir uma educação, uma mudança de comportamento dentro dos preceitos higienistas.

Cabe registrar, também, que uma característica importante dos primeiros periódicos médicos brasileiros foi a inserção de matérias versando sobre temas que pudessem interessar diretamente ao leitor leigo. De acordo com Ferreira (1999) foi eleito o tema Higiene como campo de diálogo entre a medicina e a sociedade, possibilitando a compreensão do modo como certas doenças se tornavam um problema de relevância social, assim como a forma como se deu o debate sobre os problemas sanitários do país (Martinelli, 2014, p. 49).

É nessa conjuntura de pensamento que compreendemos a relevância do pensamento médico-higienista formulado entre o século XIX e século XX, no que tange as transformações sociais e uma determinada educação do corpo, no sentido de modernizá-lo, tendo as práticas corporais como elemento integrador da representação de Corpo Moderno.

Nesse sentido, já primeira edição da Gazeta Médica da Bahia podemos ver a preocupação com o cuidado físico e moral da população:

Estamos condemnados a uma perpetua inercia, limitando-nos, quando muito, a admirar os que trabalham e inverjae-lhes a gloria de levarem o seu tributo intellectual para grande obra do melhoramento das condições phisicas e moraes dos homens (Gazeta Médica da Bahia, n. 1, 1866, p. 01).

Destarte, fica destacada a relevância do pensamento médico-higienista formulado entre o século XIX e século XX, no que tange as transformações sociais e uma determinada educação do corpo, no sentido de moderniza-lo, tendo as práticas corporais como elemento integrador da representação de Corpo Moderno. Assim, o que segue no próximo capítulo é a análise mais específica da Gazeta Médica da Bahia e a representação de corpo no debate médico do período em questão.

3 CIÊNCIA E MODERNIDADE: A GAZETA MÉDICA DA BAHIA

Diante da contextualização da cidade de Salvador frente aos processos de modernização que apresentamos até aqui, nesse ponto então, vamos buscar compreender o papel da ciência médica e o desenvolvimento de uma organização da divulgação científica que precederam e contribuíram para a realização da Gazeta Médica da Bahia. Além de analisar como se deu a criação da Gazeta Médica da Bahia; quais ideais nortearam as suas produções; como se organizou este periódico. É neste sentido que segue o debate desta seção.

3.1 INÍCIO DA ORGANIZAÇÃO DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Como já sinalizamos anteriormente, a ciência teve um papel de destaque na Modernidade. Isso porque os sentidos e mecanismos de desenvolvimentos, que foram construídos nesse período, tornaram-se possíveis com o avanço científico da época. Podemos dizer que a ciência possibilitou a criação de instrumentos, técnicas e teorias que modificaram a realidade sociocultural, como a criação de maquinários industriais, insumos e instruções para solucionar problemas relacionados a diversos setores da vida.

Durante um longo período, a ciência era compreendida como certo chamamento espiritual, mais como um dom que os intelectuais possuíam, do que uma profissão com especialidades e possibilidades de ser desenvolvida por aquelas e aqueles que pudessem ter acesso ao conhecimento, a partir de métodos, teorias e pesquisas. É mesmo a partir de do século XIX que o rigor científico, que conhecemos hoje, foi se delineando com mais nitidez. Com isso não queremos desacreditar todo conhecimento anteriormente produzido. Além de arrogante, seria um leviano despautério, mas sim apontar para o período em que as divisões, desenvolvimento e especialização formaram novos modos de fazer e divulgar as ciências.

É mesmo a partir do século XV que a imprensa toma formas e técnicas elaboradas e, no Brasil, no século XIX ela passa a esboçar seu início e tentativas de

consolidação. Uma vez que até a chegada da Corte Portuguesa no país, foram séculos de proibições de impressões locais e, mesmo com a liberação somente, a imprensa régia era responsável por publicações inicialmente. É mesmo com o passar dos oitocentos que um mercado tipográfico verdadeiramente nacional vai se delineando lentamente. Tal fato nos faz compreender mais um porquê das dificuldades em construir, manter e fazer circular as produções de jornais e periódicos, científicos ou não, naquele momento.

Foi nos últimos decênios do Império que teve início a transição que transformou os impressos periódicos num negócio, o que fez com que seus proprietários adotassem uma perspectiva empresarial, ou seja, fossem instados a se preocupar com o retorno do capital investido e com a saúde financeira do empreendimento, o que exigia a adoção de métodos racionais de gerenciamento, capazes de otimizar lucros e atender aos imperativos da produtividade. Tornou-se rotina a busca por inovações, que permitiam aumentar a tiragem e o número de páginas e, ainda assim, baratear o preço dos exemplares e oferecer uma mercadoria cada vez mais atraente e visualmente aprimorada, capaz de atender às expectativas dos assinantes e mesmo aumentar o seu número (De Luca, 2022, p. 118).

Essa busca por inovação e intensificação na produção de impressos no Brasil, contudo, só se deu na virada para o século XX. E, apesar de certo desenvolvimento tecnológico na produção, era preciso mais para sua consolidação. Tratando-se dos periódicos científicos, as dificuldades foram ainda mais acentuadas e o desenvolvimento mais tardio, dependendo, sobretudo, do movimento de pesquisadores e/ou instituições de saber e, por vezes, de forma independente do Estado.

A história do periódico científico no Brasil demonstra que a comunicação sistematizada da ciência somente ocorre de forma estável e duradoura se estiver atrelada a instituições de mesma ou semelhante finalidade, e também com certo nível de estabilidade, e não como atividades isoladas como havia sido até então. Isso é demonstrado pela existência de periódicos que começam a ser editados na década de 30, os quais foram órgãos de comunicação de sociedades científicas fundadas no Brasil a partir desse momento (Freitas, 2006, p. 65).

Para compreendemos esse movimento, precisamos saber que, como sugere Schwarck (1993), a partir de meados do século XIX, o cientista ganhou destaque e, sobretudo, maior independência, influenciando diversos setores sociais, inclusive as produções periódicas. Foi esse o século das especializações, das grandes sínteses — das leis da termodinâmica, da teoria da evolução — e dos limites mais firmes entre áreas de conhecimento. Essa maior especialização e mais delimitações entre as áreas de conhecimentos contribuiu para que os periódicos científicos começassem a se formar e se consolidar de acordo com suas áreas de conhecimento, buscando espaço entre as publicações literárias e noticiosas, como aconteciam no momento.

Fazendo uma breve busca na Hemeroteca Digital – substancial portal de periódicos nacionais da Fundação Biblioteca Nacional que possibilita consulta a diferentes fontes históricas – podemos perceber como, no período aqui estudado, os periódicos eram, inicialmente, intitulados de maneira que não delimitavam exatamente as áreas de debate, como é o caso do Monitor Macahense: jornal político, litterario, commercial e agricola, do Rio de Janeiro, com circulação entre os anos de 1864 e 1870. Isso aponta como o Brasil, como na maioria dos países euro-americanos, a divulgação e a comunicação da ciência é iniciada no século XIX em jornais cotidianos, não especializados e voltados ao grande público (Freitas, 2006). Trazemos este periódico a título de exemplificação, uma vez que não nos debruçamos sob sua análise, mas sinalizamos a amplitude de termos que se articulam com diferentes áreas, em seu título.

Ainda na Hemeroteca Digital, é possível perceber como, com o passar dos anos, os títulos dos periódicos foram se delimitando, se especializando. Esse é o caso das revistas médicas, como O Brazil-Medico: revista semanal de medicina e cirurgia, também do Rio de Janeiro, com circulação entre os anos 1887 e 1905. Isso pode ser compreendido a partir da noção de que, no Brasil, “a ciência penetra primeiro como “moda” só muito tempo depois como prática e produção” (Schwarck, 1993, p. 26), explicando uma certa amplitude inicial nos usos de terminologias e depois suas solidificações como características de áreas mais específica e delimitada. Tudo isso refletiu no modo de divulgação científica a partir desses periódicos.

Assim, se falamos de um período de especialização do conhecimento e criação de periódicos mais específicos, não podemos dizer que houve uma consolidação geral dessas publicações ou que aconteceram de forma serena. Muito ao contrário. Martinelle (2014), ao analisar os primeiros periódicos de saúde publicados no Brasil, conta como a dificuldade de sustentação, aceitação e financiamento fizeram com que vários dessas publicações não conseguissem manter suas tiragens e circulação por muito tempo.

Essa dificuldade é reafirmada na fonte por nós analisada. Na primeira tiragem da Gazeta Médica da Bahia, em 10 de Julho de 1866 (n. 1, p. 01), nas primeiras linhas já é apontado como esse obstáculos existiram, também, na Bahia:

A historia da imprensa litteraria da Bahia é mui pouco animadora para aquelles que, cedendo á tentação de escrever para o publico, se aventuram ainda pelas veredas do jornalismo, arriscando-se a engrossar o já crescido numero de tentativa mallogradas.

Dessa forma, várias foram as tentativas de produzir e manter um meio de comunicação que pudesse circular o debate da saúde. Os primeiros periódicos médicos estiveram ligados a grupos e instituições, como sociedades, associações e academias que reuniam profissionais dessa área.

As primeiras revistas tiveram tiragem limitada e circularam por pouco tempo. Foram editadas por acadêmicos e médicos das duas faculdades de medicina e das agremiações científicas: a *Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro* (1830-1835), a *Academia Imperial de Medicina* (1835-1886) e a *Academia Nacional de Medicina* (1889 em diante) (Moraes, 2013, p. 428).

Em grande maioria, as publicações não contavam com apoio do Estado ou não o tinha de forma regular, mas existiram movimentos para fazer circular entre a comunidade médica o que era produzido no Brasil e em outros países.

Especificamente na saúde, a necessidade desse tipo de circulação pode ser compreendida a partir de dois fatores primordiais: a própria conjuntura social que, com o desenvolvimento industrial e aumento demográfico, principalmente, apresentou um contexto social precário, fazendo surgir e aumentar diversas doenças, configurando a cena urbana caótica, exigindo resposta e soluções desses profissionais. E a evolução e aprofundamento de áreas correlatas, como a anatomia,

a fisiologia, embriologia e o próprio método de observação clínica e laboratorial, ao final do século XIX, a física, a química e a biologia, converteram-se em sólidos pilares do conhecimento médico, que se beneficiou dos achados de várias pesquisas em cada um desses campos (Martinelle, 2014).

Nesse sentido, as discussões travadas na área médica contribuíram para a construção de uma nova ordem na sociedade brasileira da segunda metade do século XIX. Especificamente, a difusão dos conhecimentos provindos da Higiene, disciplina que se desenvolvia na França, naquele período, ressoou no Brasil e na Bahia, em função das mudanças econômicas, políticas e sociais, ocorridas então. Assim, com o intuito de debater as necessidades sociais, apontar soluções para os problemas de saúde pública e estreitar o diálogo sobre o que estava sendo produzido na medicina, a necessidade e a busca pela criação de jornais e periódicos foi ficando cada vez mais inadiável. A circulação e difusão da informação, fundamental no ambiente urbano, descortinava novas possibilidades para a imprensa periódica, a quem cumpria responder às novas demandas (Martinelle, 2014; De Luca, 2022).

Além das respostas aos acontecimentos sociais relativos à saúde pública, os periódicos científicos se organizaram de forma a contribuir para garantir legitimidade à disciplina e à propriedade intelectual da comunidade médica em um período em que as práticas de curas não se restringiam ao domínio dos formados médicos. Curandeiros, parteiras, barbeiros, sangradores e outros dominavam a cena de tratamento de doenças, notadamente da população mais pobre que não tinham acesso regular a atendimento médico especializado.

Os primeiros jornais médicos brasileiros assumiram um papel estratégico no processo de institucionalização e afirmação da medicina. Os periódicos funcionavam, assim, como arena de legitimação social e de disputas científicas e profissionais [...] (Martinelle, 2014, p. 50).

Foram múltiplas as motivações, funcionalidades e projeções em torno da criação dos periódicos da saúde. Não seria exagero afirmar que a busca pela produção e consolidação de periódico científico nessa área fez parte da própria institucionalização e afirmação da medicina no Brasil. A gênese dos primeiros periódicos correspondeu ao momento de instauração das primeiras instituições médicas, como as Academias Médico-cirúrgicas (1813) em Salvador e no Rio de

Janeiro, depois transformadas nas Faculdades de Medicinas, e a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (1892) que mais tarde passou a ser chamada Academia Imperial de Medicina (Malaquias, 2012).

Nesse sentido, diversas tentativas de consolidar publicação periódica da medicina se deram no país. Dentre elas, a Gazeta Médica da Bahia teve incontestável destaque por sua circulação, longevidade e resistência às intempéries que se colocavam nessa cena de divulgação científica. Sua primeira publicação data de 10 de julho 1866. Com pausas, às vezes mais longas e outras mais curtas, teve publicações até o ano de 2011, representando um marco nas publicações científicas e, ainda hoje, um importante periódico e fonte na história da medicina do país.

Dessa forma, podemos compreender esse período em que a busca pela produção e consolidação de periódicos específicos e científicos, no Brasil, foi de conturbado processo e, por vezes, fracasso. Contudo, o êxito da GMB e o próprio movimento dessa busca podem ser lidos como avanço moderno e sucesso dos que buscavam progresso e modernização social, como veremos mais adiante no trato mais específico e detido da GMB.

3.2 A GAZETA MÉDICA DA BAHIA

Como apontar Martinelle (2014), a GMB constituía-se como o mais importante órgão da imprensa médica brasileira, no século XIX, era uma Revista gerada no seio da Escola Tropicalista da Bahia. Essa Escola ficou conhecida por sua atuação voltada para uma análise nacional das doenças com base na observação clínica e experimental, distanciando-se da tradicional e conservadora postura médica do momento, dando início, na Bahia, o debate sobre a bacteriologia. Além de apontar os maus tratos e descanso com os pobres e negros escravizados.

Esse grupo foi importante na construção de uma identidade nacional médica e científica, produzindo importantes descobertas no campo. A Escola Tropicalista Baiana pode ver entendida como o primeiro núcleo de pesquisa médica que se constituiu no Brasil, como afirma Bastianelli (2002), reverberando nos modos ver e tratar as doenças no país e, mais especificamente em Salvador, local de constituição primordial do grupo. Tal fato é de fundamental importância para compreendermos a constituição da GMB.

Nesse sentido, Malaquias (2012) aponta como um grupo de médicos começou a se reunir informalmente para discutir assuntos científicos e da medicina, dando atenção especial aos aspectos sociais. Esse grupo formaria uma Associação de Facultativos que, posteriormente, seria reconhecida com Escola Tropicalista da Bahia⁵.

Três médicos estrangeiros e quatro brasileiros, assim era composta a “associação de facultativos”, que instaurou no Brasil um pioneiro movimento responsável pela implantação de novas práticas médicas inclinadas à experimentação e às observações obtidas nas bancadas dos laboratórios, práticas estas que se revelaram contrárias aos ritos e aos métodos norteadores do ensino oficial praticado pelas Instituições Médicas (Malaquias, 2012, p. 09).

Esses setes médicos formaram o grupo⁶ que idealizou e materializou a Gazeta Médica da Bahia. Eram eles: Ludgero Rodrigues Ferreira; Antônio José Alves; Antônio Januário de Farias; Manoel Maria Pires Caldas; José Francisco da Silva Lima; John Ligertwood Paterson; Otto Edward Henry. Também, foi proeminente o nome de um estudante, Antônio Pacífico Pereira, que inicialmente participava dos encontros do grupo e, mais tarde, ganhou confiança, assumindo participação relevante da GMB. Antônio José Alves e Ludgero Rodrigues Ferreira participaram da idealização do periódico, contudo, antes que pudesse sair a primeira edição, vieram a falecer.

Um grupo aparentemente heterogêneo nas suas origens e formação médica, mas unificado pelos mesmos anseios. O que construíram não tinha nenhum laço com a Faculdade de Medicina. Foi, sobretudo, um movimento de homens que viviam o dia-a-dia da profissão, com todas as conhecidas dificuldades (Bastianelli, 2002, p. 16).

Isso nos reforça a ideia, então, de que a autonomia e motivação desse grupo foram as causas da constituição da Gazeta Médica da Bahia. Ao observarmos a trajetórias dessas figuras, podemos ver que compartilhavam, além da formação médica, uma disposição e preocupação com os problemas de saúde pública. Além

⁵ Cabe dizer que a denominação de Escola Tropicalista da Bahia não foi uma autodenominação, mas sim foi atribuída a esse grupo de médicos muito tempo depois, na segunda metade do século XX por estudiosos que assim os reconheceram.

⁶ Cf. Bastianelli (2002).

de buscarem o progresso da medicina na Bahia e no Brasil, eles possuíam especial atenção aos problemas sociais.

Dessa forma, essa Escola Tropicalista Baiana está marcada na história como grupo central na criação da Gazeta Médica da Bahia. Martinelle (2014) confirma que a Escola Tropicalista implicou o estabelecimento de condições organizacionais e a viabilização financeira da Revista, que passou a ser o órgão oficial do grupo. A primeira edição da GMB foi resultado de uma cotização compartilhada pelos membros do grupo criador, na medida em que a Revista não tinha garantido apoio governamental para sua publicação.

Dessa forma, com o esforço desse grupo de médicos, no dia 10 de julho de 1866 foi ao ar a primeira publicação da Gazeta Médica da Bahia.

Imagem 2 – Primeiro Número da Gazeta Medica da Bahia, 1866



Como podemos ver na imagem, o Diretor da Gazeta Médica da Bahia, Virgílio Clímaco Damásio, não fazia parte do grupo fundador. Ele era médico, professor e político de prestígio na Bahia. Republicano declarado, Damásio foi governador interino do Estado em breves momentos (1899 e em 1890). Também, foi professor do Liceu Provincial da Bahia e da Faculdade de Medicina da Bahia, além de fundador e presidente da Escola de Belas Artes da Bahia (1877). A escolha do seu nome para editor da GMB pode ser atribuída pelo prestígio que possuía por todos os fatos mencionados (Quadros, [2009?]; Bastianelli, 2002).

Damásio ocupou a direção da GMB por um ano, quando em 1867 a direção do periódico passou a Antônio Pacífico Pereira. Integrante da Escola Tropicalista da Bahia e do grupo fundador da GMB, Pacífico Pereira foi professor da Faculdade de Medicina da Bahia, “a sua figura confunde-se com a da própria Gazeta. No posto de diretor conservou-se por mais de cinquenta anos [...] Somente a morte o afastou do que considerava um sagrado dever” (Bastianelli, 2002, p. 14).

Com a morte de Pacífico Pereira, a GMB passou, em 1922, ser dirigida por Aristides Novis. Figura de destaque na medicina baiana, Aristides foi professor e diretor da FAMEB (1931-1932). Assim, a GMB ficou sob direção desse médico até que a família Novis transferiu os direitos para a Faculdade de Medicina da Bahia, dando início a outra fase do periódico.

Cabe, nesse ponto, destacarmos uma questão importante. Apesar de a Gazeta ter sido fundada e mantida por um grupo independente e que, em diversos momentos se mostrou contrário às práticas médica oficiais da Bahia, os seus diretores mais importantes, além dos fundadores, foram professores da FAMEB em algum momento. Tal fato refletiu nas publicações da revista que, em diversos momentos, direcionava seu olhar para questão do ensino médico da FAMEB, muitas vezes criticando, apontando fragilidades e propostas de melhorias, constituindo-se como espaço de resistência e transformações.

[...] parece que a GMB, em alguns momentos pelo menos, constituiu-se num espaço de oposição às tradições do grupo de médicos e professores mais conservadores da FMB e às posições de determinada elite vinculada ao Governo Imperial, não se subordinando, como acontecia a outros periódicos da área, ao ideário dos Governos da época (Martinelle, 2014, p. 86).

Voltando ao desenvolvimento e organização da GMB, até sua transferência para Faculdade de Medicina da UFBA, a Gazeta contou com uma produção independente.

A julgar pela análise da GMB, os médicos responsáveis pela Revista eram empreendedores e muito organizados. Estabeleceram uma política de distribuição para todos os profissionais médicos do estado que, ao receberem uma Revista tão bem elaborada, contendo relatos clínicos, trabalhos originais, e notícias de tudo o que acontecia na Bahia, no Brasil e no mundo em medicina, não abriam mão de continuar subscrevendo a Revista, e com isso garantiam recursos para sua continuidade (Martinelle, 2014, p. 72).

Mesmo com mudanças no corpo editorial e gestão, a GMB conseguiu manter um funcionamento comercial que garantisse sua publicação por anos sem que houvesse recurso de incentivo governamental. Isso vai num sentido oposto às propostas governamentais de modernização que eram enunciadas. Mesmo com o passar dos anos, no início do século XX, com o governo de J. J. Seabra, maior momento modernizador da Bahia, como já apontamos, não houve incentivo e apoio financeiro do governo para manutenção da Gazeta.

Os diretores da GMB desenvolveram estratégias para que o periódico pudesse continuar circulando, como a cobrança para publicação de anúncio de vendas de materiais e produtos médicos. E desde seu início, cobrava assinatura com diferenças de valores para os assinantes do estado e de fora deste.

Imagem 3 – Preço da Assinatura da GMB, 1866

AVISO	
<p>A Gazeta Medica é remetida a todos os nossos collegas da Capital; aquelles que quizerem subscrever para a sua publicação, terão a bondade de declaral-o, o mais tardar a primeira do segundo numero, e devolver o primeiro na mesma occasião; aos do interior cujos nomes e residencia nos forem conhecidos remetteremos tambem o primeiro e continuaremos a remessa depois que se dignarem declarar que aceitam a subscrição; as provincias poderão subscrever, ou por intermedio dos livreiros do logar, ou directamte incluindo a importancia de suas assignaturas.</p> <p>Os Srs. assignantes do interior d'esta Provincia, que desejarem a remessa pelo co-pagar, além do preço da subscrição, a importancia dos respectivos sellos.</p>	
PREÇO DA ASSIGNATURA.	
(PAGAMENTO ADIANTADO.)	
PARA ESTA PROVINCIA.	PARA FORA DA PROVINCIA.
Por um anno	Por um anno
Por seis mezes	Por seis mezes
Por trez mezes	Por trez mezes
Numero avulso.	500 réis.

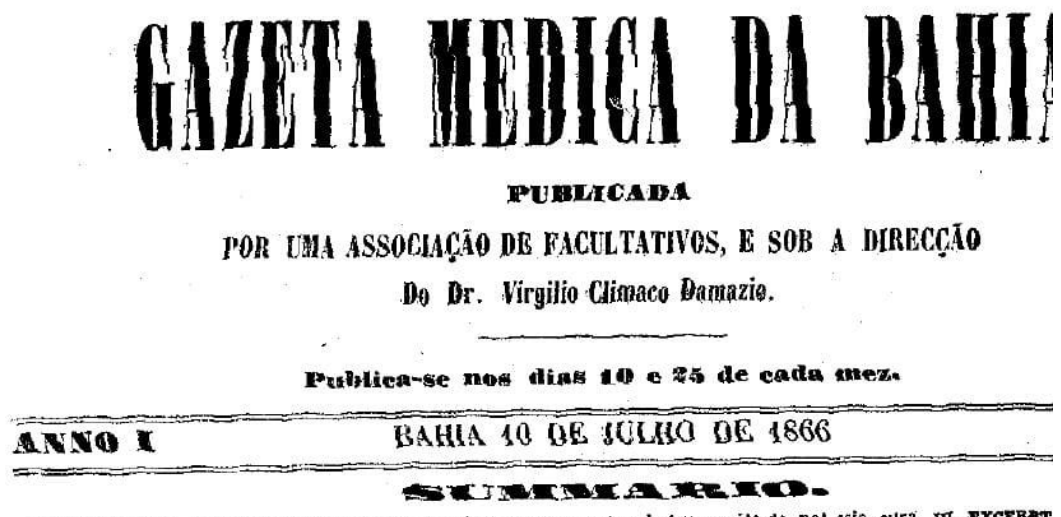
Os escriptos, que nos forem remittidos, ainda que não tenham sido publicados, não ser

Fonte: Arquivo da GMB (<https://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/issue/archive>)

Agora, voltando nosso olhar para o conteúdo da GMB, podemos ver que o debate era amplo, girando em torno da publicação de trabalhos originais; traduções de produções estrangeiras; notícias sobre eventos científicos; questões de higiene pública; estado sanitário e doenças que acometiam a população; questões políticas e sobre educação; desenvolvimento social. Isso aponta o alcance almejado pelo grupo médico, não se restringindo ao ponto saúde-doença, talvez porque vários desses profissionais de se envolveram em atividades junto à política e ensino.

Ao analisarmos o primeiro número da GMB (10 de julho de 1866), veremos que ela possuía um cabeçalho com nome da revista, nome do grupo responsável e nome do diretor, naquele momento, Virgílio Climaco Damazio. Logo abaixo, o sumário que a ponta a seguinte organização: I. Introdução, II. Trabalhos Originais – Saúde Pública, III. Registro Clínico, IV Excetos da Imprensa Médica Estrangeira e V. Noticiário. Em cada uma dessas colunas, digamos assim, apresentavam-se matérias sobre as temáticas informadas, quase todas contam com assinatura do médico que a escreveu. A GMB estava aberta a publicação dos médicos do país, não somente do seu grupo fundador.

Imagem 4 – Cabeçalho da GMB, 1866



Fonte: Arquivo da GMB (<https://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/issue/archive>)

O primeiro número da GMB apontava a importância para consolidação de uma sociedade civilizada, atendendo à devida representação do significativo grupo médico baiano que buscava melhorias e progressos. Reforçavam a ideia de que a

ciência era fundamental para o progresso tanto social, quanto médico e que a criação da Gazeta iria contribuir para a medicina sair do caos em que esteve por séculos, contribuindo para as próximas gerações. Assim foi resumido o propósito da Gazeta:

O nosso proposito é simplesmente o seguinte: concentrar, quanto for possível, os elementos activos da classe medica, afim de que, mais unidos e fortificando-se mutuamente, concorram para aumentar-lhe os cretidos, e a consideração publica; diffundir todos os conhecimentos que a observação propria ou alheia nos possa revelar; acompanhar o progresso da sciencia nos paizes mais cultos; estudar as questões que mais particularmente interessam ao nosso paiz; e pugnar pela união, dignidade e independencia da nossa profissão (Gazeta Médica da Bahia, n. 1, 1866, p. 02).

Além disso, a necessidade de construção e manutenção da GMB foi asseverada no sentido do desenvolvimento moderno que era indispensável e se dava em outros países, mas processo do qual estavam distantes a Bahia e o Brasil, como podemos ver:

Apartados do movimento dos grandes centros de actividade scientifica, estranhos a essa lucta, em que milhares de intelligencias se esforçam á porfia – no gabinete, nos amphitheatros, nos hospitais, nos laboratorios, nas associações doutas, nos congressos, nos certames e na imprensa – por dilatar o campo da observação e da experiencia, por difundir o conhecimento das grandes verdades practicas, e elevar a sciencia medica a um grau de perfeição que lhe mantenha e acrescente a consideração e apreço, a que tem direito entre as sociedades modernas, ficámos logo tempo espectadores mudos e inactivos d’essas luctas, d’esses movimentos e esforços incessantes, fructo de mais propecta e robusta civilização, obra de talentos mais bem dirigidos e aproveitados, e, sobretudo, mais comprehendidos e galardoados do que o são (Gazeta Médica da Bahia, n. 1, 1866, p. 02).

Ainda, é apontada na introdução, ao questionar a falta de um periódico científico desse tipo, na Bahia, a ideia de que o saber produzido e divulgado na revista seria um instrumento de transformação humana:

[...] o seu tributo intellectual para a grande obra do melhoramento das condições phisicas e Moraes do homem, pelo conhecimento da sua natureza, das suas necessidades, das suas dôres, dos seus vicios, das usas paixões e das suas misérias n’esse breve transito, a que se chama vida humana (Gazeta Médica da Bahia, n. 1, 1866, p. 01).

Aqui, com base nesses dois recortes da primeira edição da GMB, podemos resumir duas ideias centrais que eram difundidas no período e que são centrais para o desenvolvimento do nosso estudo: a modernização e o cuidado com o corpo. A modernização, como já apontamos, estava profundamente ligada ao progresso científico, centralmente ao saber médico, e o aumento do cuidado com o corpo com pode ser lido como representação desse desenvolvimento. Essas ideias imbricadas forjavam o discurso médico e apontam as representações de sociedade e de corpo construídas por esse grupo, nesse período histórico.

Os principais médicos fundadores e pesquisadores da GMB tinham sua atuação profissional centrada em três instituições de Salvador, o Hospital de Caridade da Bahia, a Santa Casa de Misericórdia, o Hospital Militar e o Hospital Português. Isso possibilitou que tivessem uma observação variada dos problemas de saúde pública da capital baiana, logo, puderam expor suas visões sobre questões sociais importantes, inclusive as representações de corpo dentro dos preceitos modernos e higiênicos que defendiam.

Além disso, outros médicos de outras cidades e estados publicavam suas impressões, observações e análises na GMB, dando um recorte do panorama geral. Esses homens de ciências propuseram métodos diagnósticos e medidas terapêuticas das doenças, além de medidas e práticas de acordo com as normas estabelecidas pela Higiene, buscando adequá-las ao contexto nacional, como a ginástica e outras práticas corporais (Martinelle, 2014; Gois Junior, 2003; 2013).

Dessa forma, o que podemos encontrar, ao analisar a Gazeta Médica da Bahia é um retrato importante da sociedade baiana a partir do olhar do grupo que compusera o periódico. Num momento de ascensão do saber médico e da defesa de novos modos de vida e, conseqüentemente, de formas de lidar com o corpo, a análise da GMB pode nos apontar as representações que se tinham do que era um corpo moderno e sinalizar o lugar da praticas corporais, como a ginástica, no debate da saúde pública. Assim, é nesse sentido que buscamos construir a próxima seção desta tese.

4 REPRESENTAÇÕES NA GMB: GINÁSTICA E OUTRAS PRÁTICAS CORPORAIS NA EDUCAÇÃO DO CORPO MODERNO

Diante do que já foi apresentado, nesta seção buscamos fazer uma análise sobre as representações de corpo a partir da Gazeta Médica da Bahia, utilizando com centralidade os debates sobre higiene pública que, em várias edições, aparece como coluna específica na organização do periódico. Também, com a compreensão de que se apresentou um debate sobre uma educação do corpo moderno, localizamos e analisamos a ginástica e outras práticas corporais, nesse contexto. Esta é a discussão que se apresenta a seguir.

4.1 REPRESENTAÇÕES DE CORPO NA GAZETA MÉDICA DA BAHIA

Nós falamos aqui de um período de construção do ideário moderno que entrecruza, no Brasil, os séculos XIX e XX. Como já apontamos, houve certo destaque da ciência e do médico como figura detentora do saber que direcionava ou buscava direcionar uma variedade de grupos de ações que pudessem conferir o aspecto simbólico e concreto do desenvolvimento no país. Assim foi com a Gazeta Médica da Bahia. Esse grupo de médicos buscou orientar suas atuações profissionais no sentido de buscar as práticas de saúde que eram mais desenvolvidas, práticas médicas vistas como mais modernas, naquele momento. E também, buscou orientar a sociedade sobre as ações que compunham um conjunto maior que afirmavam ideal para modernização.

Nesse sentido, estamos falando de um grupo que tinha a percepção e buscava o domínio do corpo a partir do conhecimento científico. Era o corpo – individual e coletivo/social – objeto de intervenção médica. Logo, a compreensão de corpo moderno, não moderno ou incivilizado, que esse grupo caracterizava, estava entranhada por suas construções pessoais, simbólicas, concretas, contraditórias e, mesmo, ambígua. Todas essas características são próprias da modernidade e de um conceito central no nosso trabalho, o de representação.

Assim, as representações de corpo presentes da GMB falam da sociedade daquele período, do desenvolvimento médico-científico e do grupo médico em sua atuação profissional.

O porquê da importância da noção de *representação* que permite articular três registros de realidade: por um lado, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem; por outro, as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ver reconhecida; enfim, a delegação a representantes (indivíduos particulares, instituições, instâncias abstratas) da coerência e da estabilidade da identidade assim afirmada (Chartier, 2002, p. 11).

Por isso, ao nos debruçarmos sobre as análises da GMB quanto às representações de corpo, temos que ter firmada a ideia que Chartier (2002) nos apresenta, adequando-a ao nosso contexto. Essas representações de corpo moderno foram construídas – não somente, mas pelo olhar das fontes aqui analisadas – por esse grupo, instituição médica que se colocava, a partir da GMB, como representantes do ideário moderno. Grupo esse que tinham incorporados suas formas de divisões e classificações do mundo social e organizavam os esquemas de percepção do Moderno que julgavam serem necessários aos corpos daquele momento. Contudo, isso não significa dizer que os indivíduos da sociedade baiana se apropriaram dessa representação construída pelos médicos ou como se apropriaram, tão pouco que as rejeitaram. Para o aprofundamento desse debate, o debate sobre apropriação das representações, precisaríamos utilizar outras fontes, o que não esboça o nosso objetivo, nesse momento.

No período aqui demarcado, a medicina se desenvolvia e tinha um olhar atento para questões que ultrapassavam os doentes, a doença ou questões biomédicas, somente.

Sensíveis aos problemas sociais como todas as elites iluministas, os médicos introduzem os costumes em seu esquema explicativo da saúde e da doença. Designando o conjunto de fatores humanos, os costumes reúnem em si, ao mesmo tempo, as condições de trabalho, o habitat, os hábitos alimentares, sexuais, morais, em suma, todo o modo de vida (Faure, 2008, p. 50).

Tais questões e tratos apontados por Faure (2008), ao analisar o debate médico sobre corpo na França do século XIX, se aproximam da realidade brasileira e soteropolitana, sendo o modelo francês, em vários momentos, padrão a ser seguido. As discussões estavam voltadas ao trato cotidiano e social, de um modo geral, e a GMB apontou a importância do exemplo francês para com o trato da

saúde pública no Congresso Sanitario Inter-nacional, denunciando a ausência dos brasileiros.

Já não é uma utopia, nem um bello sonho o congresso ou conferencia sanitária inter-nacional!... Devida á previdente e sabia iniciativa do Governo Francez, aceita por quase todos os Governos, que n'isso interessavam, os quaes ali são dignamente representados, e de esperar – que n'aquella illustrada reunião centile-se e discuta-se cabalmente o complicado problema, que lhe foi submetido, e que da solução das questões, que á elle se predem emanem providencias reaes e praticas, que ponham em salvaguarda a saude dos povos (Gazeta Médica da Bahia, n. 1, 1866, p. 03).

Isso nos sinaliza como as questões sanitárias recebiam atenção especial, uma vez que um evento internacional com a presença de países foi organizado para debater o assunto, além de fazerem parte do imaginário moderno. Também, os comportamentos dos indivíduos, bem como a fragilidade da atuação pública frente aos problemas de saúde – inclusive a ausência de médicos brasileiros no evento citado – e infraestrutura da cidade como causa de diversos males sociais. Por isso, eram recorrentes publicações, na Gazeta Médica, que apontavam mazelas sociais diversas do período e a relevância do médico nesse contexto.

A medicina jamais permaneceu impassivel deante dos gemidos e pungentes soffrimentos da humanidade. Para a solução de todas as questões e problemas sociaes ella sempre interveio, collocando-se á frente do movimento civilizador: sua historia desde os tempos mais remotos é fecunda, é cheia das mais nobres e elevadas aspirações, e offerece uma serie successiva de factos e serviços em prol do bem estar do homem, que lhe dão a primazia entre as demais sciencias (Gazeta Médica da Bahia, n. 2, 1866, p. 14).

Entre o dito e o feito, há certamente um vasto espaço. Destacado o tom de importância autoproclamada, é possível perceber como se reforçava as questões em torno do papel da ciência no desenvolvimento civilizador e a busca por um lugar de ação frente à melhoria social. Na verdade, foi característico do momento as publicações, notadamente as colunas que buscamos analisar aqui, terem uma construção mais filosófica, retórica, do que técnica e puramente científica. Isso já nos faz inferir que existia um amplo olhar para o corpo como um componente social e não apenas uma visão anatomofisiológica desse corpo, apesar, de já sinalizado, ser um período de mais delineadas especializações, inclusive na medicina, como apontamos anteriormente.

Com o passar dos anos, conseguimos perceber uma mudança no trato do corpo, isso muito devido ao desenvolvimento das ciências que embasam a medicina. Quando vemos o uso de experimentos mais elaborados para saber a etiologia, origem, formas de contágios das doenças, também o desenvolvimento da microbiologia, vamos perceber uma mudança na forma de tratar, representar o corpo. Se um longo período – e até o fim do nosso marco temporal – temos a observação clínica como principal instrumento de construção científica, fazendo com que os debates tivessem um tom de retórica, mais do que técnica científica, posteriormente, podemos acompanhar essa mudança e consolidação de embasamento científico mais reforçado.

O estudo dos aneurismas internos é um dos mais interessantes para o medico pratico, e para o pathologista. Os variados pontos da arvore arterial que elles podem occupar, as suas diversas e multiplicadas relações com os órgãos visinhos, e, por conseguinte, as numerosas perturbações funcionaes que elles occasionam, as difficuldades, ás vezes invencíveis, do seu exacto diagnostico, as frequentes occasiões de erro á que está exposto o medico que estuda praticamente, e a gravidade d'estas lesões, teem merecido a mais seria e assídua attenção de antigos e modernos investigadores, por effeito da qual se teem enriquecido os annaes da medicina, especialmente n'estes ultimos tempos (Gazeta Médica da Bahia, n. 63, 1867, p. 131)

Essas mudanças, que hoje podem ser vistas como simples, naquele momento, eram consideradas e apontadas com entusiasmo pelos médicos, em sinal de progresso, de modernização, além de conferir um trato mais anatomoclínico do corpo, das doenças e dos seus funcionamentos e modos de tratamento, como apontado em matéria intitulada: Resenha therapeutica. propriedades physiologicas da fava de calabar, e seu antagonismo com o tetano e com o evenenamento pela slrychnina. Ao analisar a paralisia muscular causada pela doença e o a forma de tratamento, é apontado à experiência como desenvolvimento científico.

N'estas observações e experiencias, <<a paralysis era precedida por tremores ou sobressaltos mais ou menos notaveis dos musculos de todo corpo; a perda do movimento voluntario começava nas extremidades inferiores (posteriores nos animaes). Estas ideias obtidas pelas experiencias do Sr. Watson tinham sido já, em geral, annunciadas por alguns autores, e até postos em praticas alguns de seus principios. É assim que o Sr. Lauvin já preconisou a fava de Calabar contra as affecções nervosas, por tel-a empregado com bom resultado contra choréa e as convulsões (Gazeta Médica da Bahia, n. 63, 1867, p. 136-137).

Isso foi se intensificando com o passar dos anos, contudo o olhar para o todo e para o social, bem como a observação clínica, a retórica científica não perderam lugar, tão pouco se enfraqueceram.

Todo o debate médico em torno dos problemas sociais que poderiam causar doenças, em ritmo mais lento ou mais acelerado, interferiu nos modos de olhar, enxergar e nas práticas em torno do corpo. Como aponta Faure (2008), o saber médico influenciou e influencia um conjunto de terminologias que usamos para denominar o nosso corpo ou partes dele. Longe de serem inconsequentes ou ingênuas essas denominações orientam nossa representação e nossa experiência corporal.

E quando falamos aqui em experiência corporal, prática corporal, modos de portar-se no corpo e de enxergá-lo estamos falando da própria experiência humana que não pode ser entendida desencarnada. Nossa forma de existir, nossa forma de ser é corporal, quer a analisemos de forma filosófica, política, intelectual, médica, econômica, religiosa ou outras mais, todas são formas de tratar um objeto múltiplo e complexo que é o corpo, que somos nós. O corpo influencia, constrói e é influenciado, construído a partir do desenvolvimento de todos os saberes, experiências, crenças e debates que foram produzidos ao longo da história, da nossa própria história.

Dessa forma, a GMB aponta como o saber médico construiu suas representações de corpo dentro do contexto de modernização da cidade de Salvador e no contexto de desenvolvimento da própria área da medicina que ampliava sua atuação no cotidiano cidadão. Podemos imaginar que, pelo viés dessas leituras, de consultas médicas mais frequentes, indivíduos provenientes de esferas sociais cada vez mais amplas, escravizados, trabalhadores livres urbanos, mulheres trabalhadoras, senhores e senhoras da elite, tenham sido marcados por esses novos códigos que foram desenvolvidos. Corpos marcos por essas novas representações modernas (Moraes, 2013; Faure, 2008).

Seria, contudo, exagerado e falso imaginar que as representações médicas se imponham espontaneamente a toda uma sociedade apenas por suas virtudes demonstrativas. Se a medicina transforma-se no principal guia de leitura do corpo e da doença é porque a ciência médica se elabora no seio da sociedade e como resposta a seus questionamentos, e não num universo científico totalmente subtraído da realidade (Faure, 2008, p. 15).

Nesse sentido, não tomamos o debate médico como verdade absoluta e representação inquestionável da sociedade. Isso significa dizer que representações coexistiram e foram construídas a partir das práticas cotidianas, se misturaram e se conformaram nas tensões de apropriações, negações e modificações da comunidade médica e sociedade em geral. Apesar de nossa análise e nossas fontes não buscarem esses aspectos das apropriações e das lutas de representações do ponto de vista da sociedade baiana atendida e analisada por esses médicos, podemos sinalizar a relevância que esse periódico aponta sobre o contexto mais geral do período e algumas modificações da capital baiana e seus indivíduos a partir do olhar e prática médica.

O que centralizamos é a representação que a Gazeta Médica da Bahia conformou sobre o corpo, sobre o corpo moderno na cidade que se modernizava, uma análise sobre a constituição dessas representações por esse grupo médico. Nós partimos do pressuposto, baseado em todo debate teórico construído sobre o período histórico, que houve uma gestação, um desejo de que novos hábitos, inclusive corporais – mas todos não são?! –, que construíssem uma representação de modernidade pela qual a capital baiana passava. Para isso, vimos centralidade do debate médico e buscamos essa representação construída pelo grupo que integrava a GMB, como esperado, mais de uma representação de corpo foi exposta nas fontes analisadas. Tal fato é profundamente compreensível, dentro do próprio conceito de representação, segundo Chartier (2002), que já apresentamos.

Assim, a partir das suas formas de compreender o mundo que se traduziu em práticas, nesse caso, de cura e tratamento dos corpos, esse grupo médico da Gazeta ordenou e classificou os indivíduos, seus corpos, em Salvador. A partir dos preceitos higiênicos e modernos, vimos como esses médicos conformaram o corpo doente, o corpo do escravo, do indivíduo livre e pobre, da mulher, do louco, da elite, o corpo social. Podemos ver nas fontes a representação de cada corpo, considerando-os em grupo, individual ou coletivamente, corpo social, e como se distanciavam ou se aproximavam o ideário moderno.

Neste sentido, podemos ver, por exemplo, como corpo escravo era visto em distinção ao corpo livre, mesmo que do indivíduo pobre. Ao tratar do aumento dos casos de tuberculose, no Brasil e na Bahia, Otho Wucherer fez uma longa descrição que precisou ser dividida em três números do periódico. Nas possíveis causas, condições que pudessem aumentar tais ocorrências, onde elencam as condições da

vida urbana, pobreza e debilidade física e condições de trabalho como potenciais para o desenvolvimento mais agressivo da doença.

Ainda não havendo uma compreensão total da forma de contaminação e propagação da doença, o médico argumenta como a morte de escravos pela cólera, em 1855, foi um agravante que aumentou as condições de pobreza, indo coadunar no aumento da phthisica, como era chamada a doença naquele período. Vejamos:

No Brazil não ha verdadeiro proletarios, se exceptuarmos um limitado numero que vivem nas cidades; mas ha muita pobreza para cujo augmento tem contribuido diferentes causas (Gazeta Medica da Bahia, n. 47, 1868, p. 268).

Não ensaiarei aqui uma enumeração dessas causas, apenas lembrarei uma que foi a grande mortandade de escravos pela cholera em 1855. Muitas familias, que até então vivião do lucro do trabalho dos seos escravos, cahiram na penuria e viram-se obrigadas ao trabalho proprio, para o que lhes faltava o habito e á aptidão (Gazeta Médica da Bahia, n. 49, 1868, p. 290).

Dentre as várias e complexas leituras que podemos fazer desse texto, destacamos as representações de corpo presentes nesse relato do médico. Primeiro, o corpo escravo era visto como possuidor de forças próprias e específicas para o trabalho braçal, de maior esforço físico. Também, o corpo negro, em vários momentos da GMB, é representado como resistente às doenças e a dor, mas fraco moralmente. Numa edição da GMB, ao descrever o uso de anestesia, o médico aponta a resistência de negro ao ser tratado cirurgicamente, pois ele queria o uso de anestesia, mas os médicos consideravam desnecessária anestesiá-lo aquele corpo resistente.

O doente era um preto, creoulo, de 28 anos d'edade, escravo, do serviço domestico. [...] Sendo muito indocil, insistiu o doente em ser chloroformisado; mas, ao administrar-se o anesthesico, recusou-se á inalação, de sorte que fomos obrigados a proseguir sem ella (Gazeta Médica da Bahia, n. 2, 1886, p. 18)

Alain Corbin (2008) nos apresenta argumentos significativos sobre a relação com a dor, onde podemos fazer paralelo com a representação do corpo escravizado, do corpo negro, como um corpo resistente a dor, ao sofrimento e próprio para o

trabalho braçal. Primeiro o autor diz que a prova dessa rigidez e força do corpo tem um caráter demonstrativo, encenado. Segundo, elucida como a relação dor e sofrimento está diretamente ligada à relação de poder. Logo, podemos compreender o porquê de esses corpos serem vistos e representados como fortes e resistentes, num dado momento em que a escravidão era base da economia e estrutura social.

A dor constitui uma perturbação do sistema sensitivo. Mas ela também é uma construção social, psicocultural, formalizada desde a mais tenra idade. É isto que fundamenta os ritos de passagem. “As tradições estruturam o ser social pela prova do corpo”. O sentido atribuído à dor é anterior à sensação. A leitura dos sintomas, em si, é “elaborada por uma experiência individual, social, profissional, tecida de valores culturais e de julgamentos”. A igreja, a medicina, a instituição hospitalar, o ambiente de trabalho, a comunidade no seio da qual o indivíduo se encontra envolvido propõem e, muitas vezes, impõem, significações para a dor e induzem comportamentos a quem a experimenta. O sofrimento se torna, então, sinal “de poder e de submissão” conforme é infligido ou sofrido (Corbin, 2008, p. 329-330).

Essa representação do corpo negro estava ligada à questão do poder e a escravidão era garantida, também, por tal aspecto, podemos pensar. Como apontamos, médicos da GMB em diversos momentos se mostraram a favor dos pobres e dos escravizados, tendo uma postura que pode ser lida, para o período, como mais humanizadas. Eles eram apoiadores da abolição da escravidão por enxergarem-na como marca de atraso, impedimento de modernização. Escreveram, inclusive, uma nota no Noticiário do ano de 1888, em que diziam:

Pelo facto glorioso da promulgação da lei de 13 de Maio que extinguiu a escravidão no Brazil, a Congregação da Faculdade de Medicina resolveu enviar um telegrama de felicitação a S. A. Imperial Regente e ao Governo Imperial. Pelo mesmo motivo a Sociedade Medica da Bahia, em sua sessão 17 votou unanimemente que se inserisse na acta que a Sociedade congratulava-se com o paiz pelo fausto acontecimento da extincção da escravidão (Gazeta Médica da Bahia, n. 11, 1888, p. 523).

Contudo, se a condição da escravidão era usada para justificar a representação forte do corpo negro, a abolição e a postura dos médicos da GMB pudesse parecer humanizada e mesmo se declarando a favor da abolição, não foi garantia de que a representação desses corpos mudou significativamente. Ao tratar do contágio da lepra, em Junho de 1888, vamos ver reforçada a representação de condição corporal resistente e distinta do branco.

O Dr. Wucherer declara que a questão está ainda por decidir. Cita o facto de terem sido atacados da molestia dois filhos de um individuo que morava na vizinhança do Hospital dos Lazaros, da Bahia, e tambem o de terem sido affectados os filhos de um administrador do mesmo hospital, sem que os paes tivessem nunca soffrido da molestia. Em contraposição refere ainda o Dr. Wucherer que o no mesmo asylo estava a 26 annos um negro, que durante todo este tempo estivera em contacto diario com os morpheticos, dormia muitas vezes nas mesmas camas, barbeava-se com as mesmas navalhas, e nunca fôra affectado (Gazeta Médica da Bahia, n. 19, 1888, p. 530).

O debate sobre a lepra e o seu contágio ocupou diversas páginas da Gazeta e sempre vemos reforçada a mesma representação do corpo negro, nesse contexto. Quando o uso de estatística passa ser utilizada com mais frequência, os médicos apontam em números a distinção do contágio entre raças denominadas no período, ao se retomarem o debate e apresentarem os dados do Rio de Janeiro.

Imagem 5 – Contágio da Lepra no Rio de Janeiro

«Estatistica dos casos de lepra occorridos no serviço de molestias da pelle e syphilis, da Polyclinica Geral do Rio de Janeiro, a cargo do Dr. Silva Araujo, em 6.705 doentes, observados de 1 de Agosto de 1882 a 7 de abril de 1897.

SEXO	
Homens	78
Mulheres.	53
	131
	Total . . .
RAÇA	
Branços	95
Mestiços	25
Pretos	11
	131
	Total . . .

Fonte: Arquivo da GMB (<https://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/issue/archive>)

Como a Gazeta contava com publicação de médico de outros estados e locais do país e, também, com a troca de correspondência entre os médicos. Por isso, vemos, no periódico, informações não só da capital e estado baiano, mas de outros locais, como o Rio de Janeiro, elucidando como existiam aproximações entre as ideias, representações e debates nos diferentes locais do país.

Assim, podemos dizer que os corpos negros, de um modo geral, eram vistos por esses médicos como fisicamente mais resistentes, próprios ao trabalho braçal e resistente às doenças e que a abolição da escravidão foi apoiada por esse grupo como sinônimo de humanização e modernidade.

Grande parte dos higienistas não era racista, ao contrário, colaboraram na superação dessa ideologia. Eles e boa parte da intelectualidade brasileira do início do século reconheceram a doença como o principal problema do País e o maior obstáculo à civilização. O movimento pelo saneamento do Brasil concentrou esforços na rejeição do determinismo racial e climático e na refutação de um nacionalismo ufanista. Para alcançar este objetivo, era preciso convencer o Estado a cumprir seu papel no campo social, pois este se encontrava inoperante nas questões nacionais (Gois Junior, 2003, p. 50-51).

No entanto, isso não pode ser visto como marca genuinamente benéfica, pois a representação do corpo negro continuou sendo marcada pela distinção do corpo branco, onde esse era classificado como inferior em relação àquele. Essa ideia é afirmada na citação a cima que foi fruto de uma pesquisa sobre o século XX, período pós-abolição.

Nesse sentido, Paiva (2011) afirma como os corpos na América, desde os tempos iniciais da ocupação europeia, foram diferenciados e classificados de forma a marcar a construção social das colônias, resistindo ao processo de abolição da escravidão e ao processo de mestiçagem do país e circulando por todo o imaginário e práticas sociais.

Vale lembrar que isso não se tratou apenas de categorias empregadas de cima para baixo, isto é, por autoridades governamentais. Ao contrário, foram amplamente usadas no cotidiano pelos homens e mulheres que povoavam espaços urbanos e rurais [...] (Paiva, 2011, p. 85).

Logo, podemos inferir que as representações modernas do corpo negro eram produzidas pelo grupo da GMB e também coadunavam com representações da própria sociedade em geral, construídas, modificadas e mantidas em vários aspectos, historicamente.

Dando seguimento a nossa análise, vamos ver que a relação do grupo da GMB com o processo de modernização era ambíguo e, muitas vezes, contraditório, assim como o próprio processo de modernização em geral. Ao mesmo tempo em que os médicos apontavam a necessidade de melhorias da ciência, da cidade, da indústria, da sociedade, de um modo geral, também apontavam como esse processo era danoso à saúde, aos corpos.

Será porque a alienação mental senão manifesta em nosso paiz? – Não por certo, visto que, mo desgraçadamente todos os dias observamos exemplos que atestam o contrario, não sendo rara tão fatal afflicção, sobretudo nos grandes centros de população, onde a indústria e o movimento civilizador se desenvolvem e adquirem maior actividade e expansão (Gazeta Médica da Bahia, n. 2, 1886, p. 16).

Aqui também podemos ver uma representação de um corpo destoante, o corpo com problemas de saúde mental, cujo acometimento diz-se maior nos centros modernos. Esse foi um tema recorrente nas publicações da GMB. Em várias edições da Gazeta podemos ver retratada à preocupação e atenção com esses corpos débeis, como foram chamados em vários momentos. Das diversas formas de manifestações de doenças mentais, das leituras feitas e representações apontadas pelos médicos, temos que destacar um ponto comum em todo o debate: a falta de controle de si.

Quer falasse do Brasil, da Bahia ou de outro país, fato recorrente na GMB, todas as leituras apontavam esses corpos com uma incapacidade de controlar a si.

O corpo é reflexo simbólico do meio em que é produzido e que produz, logo, se a modernidade exigia novas formas de organização social que estavam pautadas na produção de uma objetividade e racionalidade, o corpo necessário a esse contexto teria que ser um corpo autônomo, capaz de se ajustar a esse ambiente regulado, controlado que tinha uma nova noção de tempo, mais ágil, mais produtivo, mais controlado.

Nesse sentido, a falta de controle era marca desses indivíduos que possuíam algum tipo de problema de saúde mental.

De feito, em todas as fases e em todas as modalidades clínicas das doenças, esse symptoma observa-se e, segundo a maioria dos alienistas, constitui, especialmente, no período prodômico, um elemento preciso para o diagnóstico. Estudando o riso na demência precoce, diz CONSTANZA PASCAL que elle pode ser: a) Imotivado, isto é, sem corresponder a nenhuma representação mental; b) explosivo, brusco e rápido, á maneira de uma impulsão da qual é um equivalente mímico; c) desacompanhado de qualquer elemento emocional (Gazeta Médica da Bahia, n. 7, 1934, p. 169-170).

Esses corpos com demência precoce, como chamaram nesta matéria, era representado como incontrolados, frágeis e, por isso, com pobreza de raciocínio, com inteligência diminuída, tornando-se “tolos e pueris”. Há então, novamente, uma distinção entre o corpo resistente que não sucumbiria ao desenvolvimento moderno e o corpo fraco, quer seja física ou psiquicamente, que sucumbiria aos males da modernização, pendendo o controle de si.

Essa perda de controle frequentemente apontada nas fontes, também, chegou ao domínio da sexualidade. Esses corpos débeis eram visto com uma predisposição ao descontrole sexual.

O erotismo nos demêntes precoces traduz-se pelo desaparecimento dos chamados sentimentos de conveniência e de pudôr. Daí, as obscenidades, os gestos lúbricos, as exhibições da sexualidade etc., que tão prematura e frequentemente se observam nesses doentes (Gazeta Médica da Bahia, n. 7, 1934, p. 173).

O controle era palavra de ordem nesse momento. A necessidade de controlar as emoções, o físico, a moral se traduzia em diversos desdobramentos e em uma vigilância constante. Por isso, os domínios mais íntimos eram, também, pontos de discussão desses médicos, como a sexualidade, sendo inclusive, motivos de classificações e distinções entre as conhecidas doenças mentais do período. É o que vemos ao descreverem à demência precoce e a histeria:

O sentimento, que se conserva, na hysteria, pervertido ou não, desaparece inicialmente na demência precoce. Os actos na hysteria obedecem sempre a uma finalidade: na demência precoce são, via de regra, immotivados. Segundo CONSTANZA PASCAL, a emotividade mórbida, os sentimentos exaggerados e móveis, a hyperesthesia psychica, a confabulação e a mythomania, que se observam na hysteria, estabelecem um contraste flagrante com a apathia, a indiferença e a pobreza de imaginação, que se verifica na demência precoce (Gazeta Médica da Bahia, n. 65, 1934, p. 414).

A falta de controle sexual e controle moral poderiam ser vistos como sinal de doença. Alguns desses casos eram mais compreensíveis e perdoáveis que outros. Isso dependia, em grande parte, das causas das doenças, ainda que vistos como débeis e incapazes de um modo geral, a origem e classificação da doença mental configurava representações mais ou menos distintas entre eles, sendo as principais doenças mentais:

Imagem 6 – Doenças Mentais

de insuficiência hepática. Os casos de doença mental discriminavam-se assim:

Epilepsia.	27
Syphiles cerebral	20
Demência senil.	15
Paralysia geral	12
Paraphrenias.	10
Psychose maníaco-depressiva	8
Estados atypicos de degeneração	6
Paranóia.	1
Hysteria.	1

Fonte: Arquivo da GMB (<https://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/issue/archive>)

É importante destacarmos que a leitura desses corpos destoantes se fez presente em diversas edições da GMB, muitas vezes atribuídas como consequência direta ou indireta do desenvolvimento da cidade moderna. Contudo, Suzart *et. al* (2022) afirma que desde os tempos coloniais, os chamados loucos, não tinham um cuidado específico, mas:

[...] os escassos cuidados recebidos eminentemente definidos pelo comportamento dos destes e pelas condições econômicas das famílias dos doentes: enquanto as famílias de “classes abastadas” forneciam aos “loucos” ditos “mansos” cuidados especiais no campo, aqueles advindos de “classes desvalidas” eram condenados a vagar pelas ruas. Por outro lado, aqueles considerados hostis eram designados ao isolamento (Suzart *et. al*, 2022, p. 267-268).

Assim, os espaços destinados a esses corpos destoantes eram chamados de *asylos*⁷ e pouco existiam na Bahia. Na verdade, muitas das referências eram sobre *asylos* de outros países que deveriam ser tomados como exemplo para o cuidado com esses indivíduos. Em muitos casos, vemos a recomendação de que essas pessoas deixassem a cidade e fossem para o campo, como forma de cuidado. Essa fuga da cidade, contudo, era um trato utilizado também para outros problemas de saúde, não apenas de saúde mental.

Isso porque outros problemas eram atribuídos ao desenvolvimento moderno, tal como a falta de saneamento das cidades, inchaço demasiado e ocorrência constante de doenças infecciosas, onde a recomendação, muitas vezes, era que esses doentes fossem para o campo, isso muito devido ao desenvolvimento da noção contagiosa das doenças.

Nessa perspectiva contagionista, que, segundo HOCHMAN (1998), atribuía a difusão das doenças na população aos microorganismos, gerava um programa de ação que procurava evitar o contato dos indivíduos doentes com os saudáveis, garantindo ao movimento um

⁷ Os asilos, nesse período, eram casas que abrigavam inválidos, doentes mentais, órfãos, num variado grupo vistos como miseráveis e incapazes para os quais se dispndiam cuidados com a saúde.

papel de regulação da vida privada e pública. Oswaldo Cruz é o nome mais aparente desta linha, contudo, suas orientações causaram revoltas por parte do povo, que desembocaram na Revolta da Vacina (Gois Junior, 2003, p. 51).

Esse afastamento do corpo doente dos centros e da cidade, recomendando que fossem para o campo se dava, porque esse campo era visto como lugar em que existia mais espaço, mais limpeza, circulação límpida de ar, como podemos perceber no trecho da Gazeta em que trata do Recife.

A segunda grande epidemia de variola foi a de 1890 que victimou 2204 pessoas e devida como a primeira á grande aglomeração de pessoas receptíveis vinda de outras localidades para esta capital, aglomeração desta vez devido ao grande exodo de libertos que deixaram os centros e de centenares de pessoas que pelo influxo da transformação politica porque acabávamos de passar dirigiram-se a esta Capital (Gazeta Médica da Bahia, n. 31, 1900, p. 403).

Aqui, cabe reforçarmos a questão de que, com o passar dos anos, a GMB retratou muitos contextos, muitos outros locais que não fosse da Bahia e Salvador. Isso se deu pelo aumento da troca de informações entre médicos do Brasil e, também, pelos médicos baianos analisarem frequentemente os casos de outros locais às vezes apontando caminhos que não deveriam ser seguidos tomando-os como modelos a serem seguidos, como foi esse caso de Recife e Portugal: “julgamos oportuna e de utilidade publica a divulgação das seguintes informações e conselhos, tendentes a evitar a propagação do cholera asiático, formulado pela Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa” (Gazeta Médica da Bahia, n. 12, 1885, p. 542). Tal afirmação se deu ao tratar da higiene pública em Portugal, então corte brasileira e país visto como mais civilizado, moderno que o Brasil e, por isso, com recursos para lidar com as questões médicas-sanitárias.

Nessa cena de progressos diversos em que se localizava o desenvolvimento da própria ciência, se falamos de áreas correlatas que influenciaram a medicina, é preciso destacar, também, como o desenvolvimento da farmácia e os medicamentos também tiveram influências sobre o corpo, no tratamento de doenças, sendo criada, inclusive, uma associação farmacêutica que contou com apoio dos médicos da GBM

e, em vários momentos, esse desenvolvimento foi reafirmado como benéfico à saúde pública e a ciência.

No ano de 1905, uma coluna é dedicada a Medicamentos Novos, assim como em outras edições da Gazeta. Nesse caso, tratou-se da Hetralina, medicamento utilizado para problemas nos rins, problemas recorrentes no período.

A hetralina é um novo e excelente antiseptico das vias urinarias, prestando grandes serviços nos tratamento dos catarrhos infectuosos, principalmente nas affecções das partes profundas do canal urinario [...] pouco toxico pode ser empregado na dose de 2 gr. por dia em quatro vezes (Gazeta Médica da Bahia, n. 7, 1905, p. 313).

Como a Modernidade tinha centralidade na civilização e progresso, era de se esperar que o trato médico para com o corpo buscasse refletir o que tinha de mais desenvolvido na área científica do período. Nesse caso, ao tratar sobre a “molestia vulgarmente denominada oppilação ou canção”, o médico Otho Wucherer questiona a crença de que os organismos seriam infectados pelo ar, como preconizava a teoria dos miasmas.

Porem, donde vem os anchylostomos? A geração espontânea dos entozoarios não é hoje mais admissivel na sciencia, embora alguns naturalistas ainda a queiram defender para explicar a origem de creaturas de uma organização mais simples, os infusorios ou protozoos. Os germens dos entozoarios são levados de fora para a economia animal (Gazeta Medica da Bahia, n. 6, 1866, p. 64).

O que Otho Wucherer aponta nessa coluna, ao tratar dessa doença, é mesmo um questionamento da teoria miasmática em que, alguns médicos, ainda seguiam. Aqui vemos a defesa e início da microbiologia como aspecto moderno da ciência médica. Ao apontar o agente externo, um organismo externo que não provinha do ar, mostrando outras formas de contaminação e, assim, exigindo outros tratos com a higiene individual e coletiva, dando reforço a novas formas de portar-se e tratar o corpo individual e coletivo.

Entre os benefícios e os males, o processo modernização foi lido, em vários momentos, como negativo, como processos que iriam afetar o corpo de modo que pudesse o tornar débil e fraco frente às extenuantes exigências da sociedade modernizada. Neste sentido, Gois Junior (2003) e Corbin (2008) nos lembra como o

higienismo e o desenvolvimento científico, em geral, num dado momento passou a olhar o corpo do trabalhador com atenção à fadiga e aos flagelos da sociedade que se industrializava e modernizada.

É geralmente admittido que a debilidade physica traz consigo grande disposição para a phthisica. Esta debilidade, ou existe de nascença, á herdada, e muitas vezes consequencia de debilidade ou moléstias, bem como tuberculose, scruphulose, syphilis, etc. dos paes, ou é adquirida. Neste caso ella pode ser causada por uma nutrição deficiente, absoluta, ou em relação aos esforços do corpo e dos seus gastos de material. Uma boa nutrição pode não ser sufficiente para recuperar as perdas por excessos no trabalho, nos prazeres etc., mas tambem muitas moletias, bom como a variola, sarampo, a syphilis, a hypoemia intertropical e todas as que deixam debilidade do corpo, podem ser causas predisponentes da phthisica; porém aqui cumpre-nos examinar quaes de todas as cousas contribuem mais para a crescente frequencia da phthisica no Brazil (Gazeta Médica da Bahia, n. 47, 1868, p. 267).

Essa análise da phtisica nos aponta como o corpo, nesse momento, era menos propenso ao trabalho físico extenuante, mais suscetível às doenças e males da sociedade moderna. As doenças, o trabalho e hábitos do mundo moderno se juntavam para formar um corpo debilitado e fraco. Essa era a representação moderna de um corpo mais frágil que deveria se fortalecer através de boa alimentação, cuidados com o físico e com a moral, seguindo o que recomendava as regeras modernas da higiene, da ciência moderna. Essa ciência moderna conformou representações de corpo. Em contraposição ao corpo doente e debilitado, a força física e moral eram sinônimas das resistências necessárias às novas demandas sociais.

Nesse sentido, mais uma vez o desenvolvimento científico, dessa vez a fisiologia, contribuiu para um novo trato e olhar para o corpo. No ano de 1898, o número 61 da GMB apresentou na coluna, excerptos da imprensa medica, um tratado sobre as produções em torno da fisiologia, afirmando como a ação muscular estava diretamente ligada à vida, atividade da vida humana. “O alongamento da fibra espiral, órgão do movimento muscular do animal, está pois ligado ao estado da vida; isto é, a continuidade da nutrição e á permutação das matérias[...]”(Gazeta Médica da Bahia, n. 61, 1898, p. 154).

Aqui nós podemos ver, mesmo que seja uma produção estrangeira, o debate sobre o desenvolvimento da fisiologia e a compreensão de que a atividade muscular estava ligada ao estado de nutrição, logo, dependendo de condições sociais. Isso aponta a nutrição compreendida como substrato energético para o funcionamento muscular, indicando o progresso do conhecimento científico, o início da compreensão química da contração muscular e, também, um reforço na validação da importância da saúde pública, do corpo forte para ser útil a sociedade.

Por esse motivo, também, o trato da alimentação tomou conta de várias páginas da GMB. À atenção dada à alimentação da criança, em especial, foi frequente. Isso fazia parte do conjunto de práticas higiênicas para fortalecer o corpo, notadamente, o corpo da criança que era mais frágil e mais sucessível à morte pelas doenças do período. Assim, construiu-se mesmo um tratado de como cuidar da criança perante a higiene que abordava desde a limpeza aos hábitos alimentares.

Todas as manhãs, e antes de lhes dar de mamar, devem lavar-se e vestir-se as crianças. A lavagem feita depois da comida perturbaria a digestão. [...] O uso dos banhos é muito útil às crianças; quando a estação e a idade da criança o permite, pôde dar-se-lhes banho duas vezes por semana (Gazeta Médica da Bahia, n. 83, 1870, p. 131-132).

Já na análise de casos clínicos, vemos a importância da alimentação adequada para o fortalecimento do corpo da criança e como o trato errado dessa poderia influir em adoecimento.

[...] –C... branca, nascida em outubro de 1875, sofrêra consideravelmente com a saída dos primeiros dentes, continuando sempre fraca e adoentada até os 20 meses de idade, quando, por conselho do facultativo da família, lhe começou a ser administrada a carne crua na dose de 15 grammas por dia. [...] Com este regimen alimentar fortaleceu-se consideravelmente (Gazeta Médica da Bahia, n. 1, 1880, p. 02).

Nesse sentido, Gois Junior (2003) assevera como as novas descobertas da física, especialmente a termodinâmica, e da fisiologia do século XIX legitimaram o discurso higienista que adotou a estratégia da metáfora do motor humano para realizar seus objetivos, prometendo alcançar um melhor bem-estar para a vida

cotidiana, que afastariam as epidemias e tornariam os indivíduos mais dispostos, saudáveis e úteis. Onde o cuidado geral do corpo, alimentação, hábitos cotidianos, práticas culturais, práticas de divertimentos e até sexuais eram reguladas e colocadas no conjunto que deveria adequar-se aos moldes modernos.

Nesse contexto da GMB, havia a compreensão de que o corpo da criança era mais passível de ser modificado e, por isso, deveriam intervir nesse corpo para educá-lo da maneira higiênica, correta, inclusive para lidar e resistir às doenças.

De criança a criança há muitas grandes diferenças de sensações inspiratórias, diferenças devida à idade mas principalmente à sua maneira lenta ou rápida de respirar. Antes de escutar deve o médico o modo respiratório da criança, procurando regularizá-lo ou modificá-lo se for necessário, o que se consegue nos indivíduos de menos de cinco anos com um pouco de paciência e de jeito (Gazeta Médica da Bahia, n. 11, 1905, p. 564-565).

Esse relato do trato da preservação escolar contra a tuberculose reafirma a ideia de que o olhar médico se voltou, também, para a educação desse corpo infantil e seus espaços educativos, como aponta Machado (2018), sendo a educação – e neste ponto falamos da educação formal, escolar – como palco de intervenção e controle médico para conformação do corpo saudável, higiênico, moderno.

A partir da segunda metade do século XIX, houve um movimento de maior atenção e desejo de melhorias e do sistema educacional brasileiro, além do anseio para que o seu alcance se ampliasse e conseguisse atingir mais indivíduos. De um modo geral, na tentativa de acompanhar e garantir as transformações que se davam no país neste período, os olhares dos intelectuais voltaram-se para as instituições escolares, como potencial espaço para formação do novo homem que demandava a sociedade moderna (Machado, 2018, p. 40).

Mas como vimos, não apenas o corpo da criança, nem o espaço escolar eram elementos de discussão desse grupo. Martinelli (2012) reforça como o propósito era concentrar os elementos da classe médica, a fim de que, mais unidos e fortificados, mutuamente, concorressem para aumentar os créditos e a consideração pública

dessa classe e, assim, seus preceitos e recomendações pudessem alcançar o poder público e a população em geral.

O que podemos dizer, a partir do debate da Gazeta é que existiram várias representações de corpos, uns vistos como adequados, quando seguiam os preceitos médicos e a ciência moderna, outros vistos como destoantes, mas todos como instrumentos de intervenção do saber e prática médica. Todo desenvolvimento da medicina e seu domínio sobre o corpo foi culminar na possibilidade de cura, transformação e adequação do corpo.

A autoproclamada importância médica como homens da ciência, servidores da pátria e da sociedade – escritos encontrados nas páginas da GMB –, associada a conjuntura social de recorrências de doenças infectocontagiosas, precariedade higiênica e de saneamento público, conformou uma representação desse grupo sobre o corpo do/das soteropolitanas. Fracos frentes às mudanças modernas, incultos frente ao desenvolvimento científico, essas representações ordenaram a sociedade soteropolitana como espaço de intervenção médica. O corpo era objeto de controle e, como o médico era esse profissional autodeclarado e reconhecido como detentor de saber, ele recebeu e se deu liberação para atuar no controle, no cuidado, na educação do corpo da forma que julgava melhor para o corpo social.

Essa ideia de aperfeiçoamento do indivíduo não era exclusiva da Bahia e da GMB, Gois Junior (2013), ao analisar as teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, os documentos da Academia Nacional de Medicina e da Escola Normal de São Paulo, aponta como o debate higienista enfatizava que uma educação higiênica poderia proporcionar o aperfeiçoamento físico individual e coletivo. Ou seja, a disseminação dos saberes e práticas higiênicas seriam capazes de conformar a representação de modernidade que se pretendia sobre o corpo.

É nesse momento, então, que as práticas corporais foram-se reforçando na cena, ganhando destaque para essa educação corporal dos indivíduos nos diversos espaços. E nesse sentido, o destaque foi para a ginástica, por ser vista como científica e inculcar os valores modernos, como uso racional, fortalecimento e controle corporal. Mas outras práticas corporais compuseram essa educação do corpo, como a esgrima, a dança, o remo e outras que veremos no debate da próxima sessão.

4. 2 EDUCAÇÃO DO CORPO: GINÁSTICA E OUTRAS PRÁTICAS CORPORAIS NA GMB

A representação ou as representações de corpo que foram apontadas na subseção anterior, e todo o debate que tentamos construir ao longo desta tese a partir das fontes analisadas, apontaram que o fortalecimento e controle corporal eram pontos centrais para formação do corpo moderno. Por isso, as práticas corporais, principalmente às ligadas a noção de exercício físico, contaram com defesas dos médicos da Gazeta Médica da Bahia. O objetivo era conformar o corpo com “novo *ethos* que representaria a civilização, consubstanciado na grande cidade” (Soares, 2005, p. 07).

Nesse sentido, Melo e Peres (2014), asseguram que havia uma relação próxima entre higienismo, saúde e medicina para construção de uma educação nacional. “Em maior ou menos grau, tais propostas envolviam uma concepção de educação física que mobilizava a articulação entre os domínios corporais, morais e intelectuais” (Melo; Peres, 2014, p. 65). Aqui o autor aponta os benefícios que os médicos da corte enxergavam na educação física e sua importância no espaço escolar, mas podemos inferir que essa compreensão ultrapassou o espaço formal e compuseram o objetivo de uma educação do corpo da população em geral, como vemos nas falas da Gazeta Médica da Bahia.

Assim, o exercício, a ginástica fora recomendada em vários momentos para diversos fins, principalmente para fortalecer o corpo e cobater doenças, como foi o caso do tratamento da chorca que, dentre os diversos medicamentos e procedimentos, a ginástica apareceu como recomendação:

Nos casos muitos chronicos, em que só uma parte do corpo está affectada, ainda menos julga o Dr. Wilks que sejam apropriados os remédios. Por vezes grande é o partido que ahi se tem tirado da electricidade, ou de banhos de jorro. Houve há pouco quem recommendasse muito linimento de chloroformio applicado sobre a espinha. Às vezes uma mudança de posição do corpo é sufficiente para interomper o habito do moviemnto. Se não se dá esta oportunidade, póde empregar-se a gymnastica, porque fortalece os músculos e os nervos, e quebra as tendências ao movimento desordenado, convertendo-o em regular (Gazeta Médica da Bahia, n. 85, 1870, p. 152).

Existiu, nesse ponto, uma relevância da ginástica no tratamento da doença em questão, mas é possível perceber como a sua utilização estava ligada ao controle corporal e autonomia do sujeito para modificação de hábitos que iria sanar a moléstia. O controle atribuído à ginástica estava ligado ao fortalecimento do corpo e dos nervos, que pode ser entendido como fortalecimento mental, moral. Nesse sentido, apesar de não tratar de um método específico ginástico – francês, alemão, sueco –, comungamos com Soares (2005) quando diz que essa ginástica se inseriu num conjunto de normas de condutas para formar e reformar os corpos, regulando corretamente suas manifestações e educando seus hábitos.

É impossível pensar a educação do corpo sem falar em espaço formal de educação, a escola. Apesar de este não ser apenas nosso foco, quando tratamos de educação do corpo e de práticas corporais veremos que houve sim uma estreita relação entre o debate da GMB e a educação formal na capital baiana. Isso pode ser compreendido, porque a própria história da Educação Física teve forte ligação com o saber médico, sendo legitimada por esses profissionais, em diversos momentos, como já apontamos. “Por vezes a própria história da medicina se misturava com a história da ginástica” (Melo; Peres, 2014, p. 70).

Nesse contexto então, no ano de 1878 a Gazeta dedicou uma longa matéria sobre a higiene das escolas de Salvador que se constituiu como um tratado da realidade escolar e um apelo ao poder público para que se adequassem esses estabelecimentos dentro dos preceitos higiênicos, onde a ginástica apareceu como um dos elementos fundamentais.

Existia, já nesse período, a compreensão de que o investimento público na educação das crianças merecia total atenção, porque não “ha que affecte mais intimamente o bem estar moral e social do paiz” (Gazeta Medica da Bahia, n. 5, 1878, p. 193). Ou seja, o cuidado e a educação estavam sempre voltados para o bem público, para o desenvolvimento da sociedade moderna na qual a capital baiana precisava se tornar.

O grave, difícil e complexo problema da educação, tal como é concebido na sociedade moderna, não tem só em vista a cultura intelectual e moral da criança, mas deve também atender o seu

desenvolvimento physico, procurar dirigil-o, corrigindo-lhes os defeitos, subtrahindo-o ás causas que embaraçam o crescimento e o exercício regular das funções physiologicas, com o mesmo zelo com que procura esclarecer e fortificar a intelligencia e a vontade, de modo que pelo desenvolvimento simultâneo das faculdades phisicas, Moraes, e intellectuaes, se consiga o objectivo real da pedagogia, - tornar o individuo apto a utilizar todas as forças activas, do corpo e do espírito, em seu proveito e em prol da sociedade (Gazeta Médica da Bahia, n. 5, 1878, p. 193).

Novamente, é reforçada a ideia de que era preciso fortalecer o corpo, educa-lo, tanto física, quanto moralmente, para que pudesse ser útil à sociedade, capaz de controlar a si. Logo, a representação de que o controle conseguido através da educação física poderia formar e moldar o indivíduo útil, moderno.

Não queremos essa ostentação inútil a avessa a todos princípios da hygiene, de pedagogia e de moral; desejamos, sim, que a administração provincial, esclarecida, e firme no propósito de realizar reformas uteis, não permita que se construam para escolas publicas edificios aparatosos, de vistosas paredes e elegantes architectura, nem que se remendem velhos palacêtes, uns e outros sem as regras d'hygiene, sem o ar puro, que é o pabulo da vida d'esses debeis organismos, que ahi vão buscar o pão do espirito; sem a luz, sem a gymnastica de que carecem para o desenvolvimento da força muscular e orgânica (Gazeta Medica da Bahia, n. 5, 1878, p. 194).

Era um conjunto de indicações e ordenamentos baseados na higiene e aos quais deveriam seguir o poder público para, então, fornecer à população a educação adequada, na qual a ginástica fazia-se fundamental para o desenvolvimento. Contudo, essa prática não se restringia ao espaço escola, como prática racional e científica, figurou o arcabouço da GMB em diversos momentos e tratamentos de diferentes tipos.

A ginástica – entendida como um conjunto específico de técnicas corporais ou como sinônimo de qualquer exercício – passaria, no decorrer do século XIX, a ser citada em diversos estudos associados ao tratamento de moléstias de diferentes naturezas: enxaqueca, anemia, tísica, paralisia, ortopedia, alienação mental, doenças crônicas do coração, etc. (Melo; Peres, 2014, p. 74).

Isso é perceptível em diversas recomendações médicas, como no tratamento da diarreia crônica e do parasitismo. Era recomendada a articulação de alguns fatores, como alimentação adequada, o cuidado com a água e “começar o mais cedo possível uma cura pelas águas reconstituintes com hydrotherapia e gymnastica bem regularizada, adotando o regime mixto por algum tempo” (Gazeta Médica da Bahia, n. 8, 1878, p. 432).

Existia a compreensão de que, através da ginástica, o corpo fortalecido poderia combater aos diversos males, inclusive, a problemas hereditários.

[...] como reducto mais seguro da conservação da saúde quando é forte, como o combate mais rigoroso contra a hereditariedade das doenças avitas, como o principio sustentador do character, como o grande modificador dos temperamentos debeis, como a base do desenvolvimento intellectual, como a chave da riqueza individual e nacional [...] Não há, diz elle, senão um recurso para evitar a degeneração progressiva da especie humana: é a gymnastica racional, executada na unidade do organismo (Gazeta Médica da Bahia, n. 10, 1878, p. 435).

Apesar de várias fontes, várias matérias da Gazeta Médica da Bahia demonstrar a importância do exercício para fortalecimento do corpo, isso não foi um consenso ou, ao menos, houve quem se opusesse a quantidade, frequência e até acreditasse que tais práticas poderiam ser prejudiciais à saúde, acreditando-se que o mal súbito em atletas era mais frequente devido a excessivo esforço cardíaco.

Winckler no Deut. Med. Woch relara casos de morte subita consequente a ruptura do coração. O facto pode dar-se espontaneamente e conhecem-se sete casos[...] Winckler apresenta uma preparação da ruptura do coração sem traumatismo em uma mulher, consecutiva á paralytia cardiaca por superexcitamento psychico, com ruptura final do coração. BUCHWALD refere um caso semelhante provocado pelo esforço de um forte exercicio e Winckler recorda facto identico nos atletas (Gazeta Médica da Bahia, n. 11, 1905, p. 515-516).

Contudo, o número de produções em defesa da ginástica e do exercício físico se sobressaia. A ideia de educação física, de exercícios ginásticos se aproximava da puericultura, incluindo preocupações com alimentação, vestuário e condições gerais

de limpeza e higiene, principalmente, das crianças no espaço privado e escolar (Melo; Peres, 2014.). Essa compreensão foi ganhando força e, ao passo que a ciência se modernizava, a argumentação em defesa dos exercícios se embasavam mais cientificamente.

No ano de 1934 já existia todo um desenvolvimento da fisiologia, o que fundamentava cientificamente a importância da atividade muscular e das práticas corporais e exercícios físicos para o desenvolvimento de um corpo saudável, forte útil, controlado.

O aparelho locomotôr é constituído pelos orgams activos (musculos) e passivos (ossos, e articulações) do movimento. Sensações musculares devem ser entendidas todas aquéllas que têm origem no musculo e seus acessórios, isto é, no aparelho locomotôr. Assim o recommenda Sherrington, porque se tem identificado não só nos músculos, como nos tendões, nas bainhas tendinosas e nas superfícies articulares, a presença de corpusculos especiais, especificamente ligados á regulação dos nossos movimentos musculares. Diz mesmo Luciani que a precisão e a elegancia com que o individuo póde executar certos movimentos não prevêm senão desta fonte reguladora[...] esboça-se aqui um capítulo interessante da Physiologia, que é o do sentido das attitudes e dos movimentos (Gazeta Médica da Bahia, n. 7, 1934, p. 203).

O médico responsável pela matéria, Aristides Novis, segue mesmo afirmando a importância do aparelho locomotor e o desenvolvimento e compreensão da fisiologia do movimento para que pudesse executar os movimentos, um comportamento corporal com essa noção de elegância, dando exemplo “a limpeza com a qual podemos emittir determinada nota na escala musical” (Gazeta Médica da Bahia, n. 7, 1934, p. 204). Elegância essa ligada ao controle do corpo, ao movimento útil, a certa ideia de um comportamento civilizado tudo que se enquadrava na representação de moderno.

Nesse sentido. Melo (2020) vai nos lembra que desde os tempos da corte:

Sintonizados com o que ocorria na Europa e relacionadas às necessidades relativas à formação de uma elite (a princípio colonial, a partir de caráter nacional), essas experiências, em diferentes graus, se articulavam com as, na ocasião, ainda recentes preocupações com a educação physica, termo que definia não só o lecionar exercícios físicos, como também as reflexões e intervenções

que tinham por fim os cuidados com a saúde e a higiene (Melo, 2020, p. 13).

Essa prática era vista como sinônimo de civilização, modernização. “Todos os países adiantados tem adoptado a gymnastica nas escolas e collegios” (Gazeta Médica da Bahia, n. 10, 1878, p. 435). Assim, o Brasil e Salvador, deveriam seguir o que chamavam de exemplo brilhante – citando Suecia, Holanda, Prussia, Suíça, Alemanha –, os modelos dos países modernos e adotar a prática nos seus espaços educativos. O que é notório nas fontes que tratam da ginástica, especificamente, é o seu caráter educativo. Por isso, o grande número de matérias versava sobre a sua importância no espaço escolar.

Os discursos dessa elite intelectual, que defendia, desejavam a prática da ginástica como uma ação educativa, estava assentado na ideia de racionalidade, civilização, moral, autonomia. Isso porque a prática era vista como capaz de fornecer meios para o uso comedido e prudente do corpo. Gestos e comportamentos econômicos, que fossem necessários, apenas. Uma ideia de racionalidade corporal que se relacionava com os processos de industrialização e do desenvolvimento urbano e científico, de uso adequado do tempo, uma visão de um chamado ‘corpomáquina’ (Machado, 2018, p. 58).

Contudo, a ginástica não defendida apenas para os espaços formais de educação, como já apontamos. Também, era recomendada no tratamento de cefaleia: “o doente não experimenta melhora com os meios ordinarios de tratamento, mas pode tirar grande resultado do repouso psychico, a hydrotherapia, a electricidade, as viagens, a distracção, a gymnastica e a habitação no campo, etc.” (Gazeta Médica da Bahia, n. 4, 1887, p. 556). Nesse texto que tratou da cefaleia, podemos ver houve uma leitura da vida na cidade moderna como causadora e/ou potencializadora da doença, e a ginástica como meio para fortalecer o indivíduo.

Além da ginástica, outras práticas corporais compuseram as práticas que formariam a representação de corpo moderno. Outra prática corporal que apareceu na GMB foi o remo. O remo foi um esporte que se popularizou no Brasil no século XIX, Rocha Junior (2011, p. 54) afirma que ele simbolizava novos hábitos, novos

comportamentos, uma nova maneira de olhar e lidar com o corpo e também com a cidade, uma verdadeira forma de ser e parecer moderno.

Nos casos clínicos, ao analisar o estado de saúde de um jovem de 18 anos, cujo pai e uma irmã morreram por causa de uma “congestão cerebral”, o médico aponta que:

No domingo 30 de junho próximo findo, fez demorado passeio marítimo, em saveiro, incumbindo-se elle próprio dos exercicios de remo. Ao recolher-se á noite, um pouco fatigado, ingerio quase inteiros dois ovos cosidos, rijos como pedras, na expressão dos companheiros, que a isso attribuiam todas as consequências (Gazeta Médica da Bahia, n. 27, 1895, p. 268).

Na análise clínica do médico que apontou o rapaz como forte e sadio, a prática do remo, na verdade, aparece discretamente como algo feito com regularidade e que fortaleceu o jovem, porém, naquele fatídico dia, o remo juntou-se a outros fatores que contribuíram para morte do rapaz. Novamente, então, podemos ver a oscilação da prática corporal como algo que pudesse fornecer benefícios, mas, em alguns momentos, ser prejudicial ao corpo.

No quadro dos esportes muitos deles não foram vistos inicialmente como elementos capazes de fornecer benefícios a saúde, compor os elementos modernos e higiênicos do período.

É somente com o remo, no quadro sociocultural em que se inseria seu desenvolvimento, que tais preocupações, e fundamentalmente discursos, começam a tornar-se mais claro. Na verdade, o próprio crescimento do remo é em grande parte fruto desse novo quadro de valorização de uma nova estética corporal subjacente. É o remo que vai quebrar as resistências à prática de exercícios físicos e relacionar o esporte a um estilo de vida saudável (Melo, 2007, p. 144).

Aqui é importante destacarmos que apesar da defesa e de toda argumentação médica pela prática de exercícios físicos – ginástica, esportes, danças, outros – a relação da população, de um modo geral, ainda era de resistência a maioria desses exercícios. Isso muito devido à construção histórico-cultural de que a atividade física

era uma prática ligada ao corpo popular e, principalmente, ao corpo escravo, ao negro. Somente com o passar dos anos é que a nova estética corporal ligada ao exercício físico foi se colocando na cena cidadina e inculcada na população.

Também, a dança foi outra prática corporal a compor o debate da GMB que, em determinados momentos, reforçou a ideia de que o controle corporal era fundamental para a representação do corpo que se desejava. Nesse sentido, ao tratar dos indivíduos com problemas de saúde mental num asylo de Londres, vamos ver que os médicos ficaram espantados como a dança conseguia conferir o que acreditavam ser certa normalidade a esses corpos. Vejamos o relato:

A sciencia medica, que, como qualquer outra, tem feito progressos, tornou, por um novo systema afaptado para o curativo e tratamento das doenças mentaes, a vida menos horrivel para os infelizes privados da razão. Antigamente, encerrados como animaes ferozes, era pela dor physica e pela força que costumavão tratar estes pobres entes. O novo regime exclue, tanto quanto possivel, esse systema bárbaro, tendo demonstrado a experiencia quanto elle é nocivo. [...] vemos esses infelizes dormindo em camas aceiadas, em dormitorios arejados, vestidos convenientemente, circulando a sua vontade, tendo perto de si guarda, que não são mais carrascos e sim quasi amigos. [...]O arranjo interno dessa casa reúne a um aceio extraordinario o mais bem entendido conchego. O jardim que o circunda é vasto. A tapa tem uma extensão de cem geiras de terra. No verão dão-se ahi festas campestres; organização-se dansas, jogos, nos quaes tomão parte os alienados, que divertem-se e parecem sensiveis á alegria que se lhes proporciona. No começo de todos os annos um bale seguido de uma cêa dá-se na casa de saude de Hanwell, festa á qual assistem todos os doentes cujo estado não é perigoso. Neste sarão dansante figuravão intimamente quinhentas mulheres. [...]A unica diferença que se notava nesse salão de baile tão bem preparado, era a ausencia de vestuarios elegantes: tirando isso, poder-se-hia acreditar uma festa ordinária. Nada revelava loucura, nem risos, nem gritos, nem qualquer outra demonstração ruidosa e hostil. A exactidão da dansa e a graça dos movimentos erão espantosas, tanto mais que os alienados que se achão em Hanwell pertecem pela maior parte á mais humilde classe. O que torna isso explicavel é que, durante os mezes de inverno, todas as segundas feiras são dadas lições de dansa, e a essas reuniões dansantes todos aquelles cujo comportamento foi bom podem assistir, e a promessa de poderem la estar torna doceis os mais recalitrantes (Gazeta Médica da Bahia, n. 157, 1874, p. 2018-2019)

Também os jogos faziam parte da realidade desse ambiente e eram apontados como benéficos ao tratamento, como os jogos de xadrez que aconteciam simultaneamente ao momento festivo, em sala específica. Ao fim dessa experiência, o médico chega a questionar se o estado mental conferia, de fato, sofrimento aos indivíduos: “perguntavamos uns aos outros com assombro, vendo as suas *physionomias* satisfeitas, se a sua infelicidade é realmente uma infelicidade para elle?” (Gazeta Médica da Bahia, n. 157, 1874, p. 219).

Essa colocação da dança como forma de tratamento de problemas mentais, ainda que não exposto claramente e, por isso, visto com até certo espanto pelo médico que escrevera o relato acima, é compreensível, porque a dança sempre estivera ligada a aspectos culturais, a manifestação artística, a forma de preservar a identidade de terminados grupos. Mas, nem por isso, ela deixou de apresentar-se como um elemento também capaz de fornecer um fortalecimento corporal, mental e moral, naquele período. Nesse sentido, Viana (2022), nos diz que as primeiras escolas técnicas e científicas que iniciaram o ensino da dança como elemento artístico no Brasil, contribuindo para que esta se construísse no emergente cenário cultural nacional. Logo, podemos ver que, ainda que a dança não estivesse diretamente ligada ao discurso da saúde, ela fez parte de uma educação no que se referiu ao corpo moderno.

No tocante às músicas, conseqüentemente às danças, havia também grande representação da cultura europeia e norte americana envolvidas na musicalidade e nos jeitos de dançar das pessoas ali presentes. Os ritmos musicais, ao menos a sua maioria, faziam grande referência ao jazz, a polca, a valsa, ao maxixe, dentre outros. É importante ressaltar que com exceção do maxixe e do jazz, os demais ritmos animavam os salões mais timidamente, uma vez que eram e são ritmos tocados mais lentamente. Já o jazz e o maxixe, animavam frequentemente os bailes carnavalescos nos referidos clubes. Com relação as danças, o maxixe teve seu maior destaque neste período. Sua presença foi marcante na maioria das festividades e a forma como as pessoas dançavam, mexeu com a moral e os bons costumes da sociedade elitista baiana. Com corpos colados, homens e mulheres dançaram demonstrando certa sensualidade, principalmente as mulheres com seus encantadores movimentos no quadril, fazendo com que a dança fosse proibida nos salões de muitas festas da elite baiana (Viana, 2022, p. 184).

Mas também, a dança fora retratada na GMB como um modo específico de tratamento ritual dos índios e chamados caboclos. Numa descrição sobre esse ritual/tratamento em que aborda, principalmente, o corpo da mulher virgem no período menstrual, vemos como um tipo de dança, chamada torém, fazia parte de movimento e conformou uma representação desse corpo indígena que, ao possibilitar a participação de indivíduos outros, passou hábitos para o que chamaram de homens de outras raças.

Em uma roda de torém (especie de dança) occupa o interior do círculo a servente do cauhim. Sabe-se que, para essa dança, reúnem-se 150, 200, 250 ou 300 caboclos, que homens fazem, enfileirados, uma banda do círculo e as mulheres outra, e que o mestre occupa a testa ou a cabeça da fileira; elle marca a dança com o seu maracá, dando compassadas pancadas e acompanhando os dansadores, que dão dous passos lateraes com o pé direito e um passo de meia volta com o pé esquerdo (Gazeta Médica da Bahia, n. 2, 1877, p. 425).

Aqui percebemos, novamente, um tom de estranheza com os hábitos da dança desses corpos, mas apontam como positivo na prática cultural desse ritual a contribuição da bebida cauhim: “o Cauhim passa como uma bebida substancial e depurativa, e afiançam-lhes a propriedade de anti-venere, razão porque é hoje apetecida por gente de outras raças” (Gazeta Médica da Bahia, n. 2, 1877, p. 42). A bebida, a dança que compunha esse conjunto de práticas e que fora apropriada por outras pessoas foi apontada na matéria médica como positiva para o fortalecimento da saúde, do corpo.

Outra prática corporal que aparece em alguns poucos textos da GMB foi a Esgrima. Ao tratar da Faculdade de medicina do exterior tida como modelo, onde se tinha, dentre outras estruturas, uma sala para prática de esgrima, a prática é relacionada ao conjunto de práticas higiênicas necessárias a formação dos jovens estudantes da medicina. “Nenhuma applicação da sciencia foi esquecida para assegurar uma boa hygiene” (Gazeta Médica da Bahia, n. 8, 1884, p. 357). A esgrima era vista como um esporte de elite e era praticada no Brasil desde os anos iniciais do século XIX, como aponta Melo (2007). Sua relação com a saúde, contudo, parece mais tímida, menos expressiva, mas não deixou de existir.

É o que vemos numa matéria da GMB que, ao tratar da estrutura e funcionamento do sanatório, é apontada não só a ginástica e toda a estrutura para que ela acontecesse, como a esgrima, mostrando o valor terapêutico dessas práticas e como poderiam contribuir para saúde dos doentes.

[...] 3º pavilhão de balneoterapia e gymnastica, compreendendo a hydrotherapia, a hydrosudo-therapia, os banhos medicamentosos, etc. Este pavilhão consta: 1º De uma sala para gymnastica e esgrima, para o que é provida de barras, parrallelas, balanços, trapezios, argolas suspensas, escadas de corda, escadas de nós, esferas de ferro graduadas (halterès) para suspensão, mascaras florestes cegos (boutonnés) para esgrima, etc. (Gazeta Médica da Bahia, n. 7, 1889, p. 13).

Podemos perceber como algumas práticas corporais, notadamente, a ginástica e alguns esportes compuseram a representação de corpo moderno elaborada pelo grupo de médicos que compunham a Gazeta Médica da Bahia. As justificativas se embasavam no desenvolvimento científico do período para apontar como essas práticas poderiam fortalecer o corpo e o caráter para lidar com as demandas da sociedade baiana que se modernizava. Nesse sentido, como asseguram Vigarello e Holt (2008), um novo universo de gesto e do desempenho ligados ao trabalho e às praticas corporais revisaram o corpo. Isso estava em sintonia com contexto cidadão que se modernizava.

Desta forma, após análise das fontes, podemos afirmar que a racionalização, fortalecimento e moralidade dos movimentos corporais, vinculando-se à lógica do desempenho, estiveram no debate da Gazeta Médica da Bahia em defesa da ginástica e outras práticas corporais para educação do corpo moderno em Salvador, no período em questão.

CONSIDERAÇÕES

Desenvolver esta pesquisa foi, por vários motivos, um desafio. A densidade das fontes, questões pessoais, a pandemia da Covid-19 se apresentaram como questões resistentes a serem superadas. E, na infinidade das nossas limitações presentes em todo trabalho acadêmico, buscamos responder aos objetivos que nos propomos, da melhor maneira possível. Entre o debate teórico e as fontes escolhidas, a tentativa de articular uma argumentação que contribuísse significativamente com a área da Educação, da Educação Física e da História da Educação Física e do Esporte estivera sempre em nosso horizonte.

Assim, dentro das possibilidades e dos esforços que empreendemos, chegamos ao momento de apontar as considerações para delimitar um fechamento e, talvez, caminhos novos que possam se apresentar para pesquisas futuras.

Primeiro, gostaríamos de sinalizar a experiência moderna de Salvador, da qual falamos no início do texto, que seguiu um ritmo próprio, a partir de suas peculiaridades. Sua lenta e sutil industrialização ligada ao contexto cultural marcou suas especificidades. Também, a cena política, por vezes conflituosa, chegando a momento bélico, de fato, fizera da cidade uma conjuntura distante dos modelos vistos como mais sólidos de modernidade, no período. Mas, ao seu passo, sua experiência moderna se estabelecera, onde muito do tradicional se sobrepusera ao novo.

Tratando mais especificamente do objeto de nossa pesquisa, vamos começar falando do grupo de fontes analisadas, podemos dizer que esse processo de modernização, no contexto intelectual da elite médica baiana, vislumbrada através da Gazeta Médica da Bahia, apresentou-se como um marco de desenvolvimento científico que, extrapolando o debate médico, representou uma parcela da realidade soteropolitana, mostrando em alguns momentos sintonia, em outros, distanciamentos com o que era debatido em outros locais do país e do mundo.

Nesse sentido, o grupo fundador da GMB, fortemente vinculado, no início, à Escola Tropicalista Baiana, buscou desenvolver independência e identidade nacional na cena médica e, em muitos momentos, conseguiu, consolidando nomes de médicos, na história da medicina brasileira, ao descobrirem e desenvolverem algumas áreas da medicina brasileira, como a descoberta de doenças e tratamentos pioneiros. Contudo, o que podemos ver no debate geral é que este estivera muito

envolto ao conhecimento estrangeiro, notadamente, europeu e francês. Isso nos aponta que, mesmo o conhecimento científico que se buscava independente estava vinculado ao velho mundo, assim como outros aspectos sociais e culturais brasileiro do período.

Também, o papel do médico foi destacado, nesse período aqui estudado, não apenas por utilizamos as fontes produzidas por esse grupo, mas pela literatura que apontava a importância dessa figura na cena de modernização. Isso porque sanar as doenças, sanear a cidade que sofria de frequentes epidemias e más condições de saúde pública estava na pauta do dia e era do saber médico que as soluções eram apontadas.

Assim, entre a relevância dada por uma parcela da sociedade, notadamente a elite que usufruía mais dos atendimentos médicos do que de mandingueiros, sangradores e outros, e uma autoproclamada importância desse grupo, vimos que as condições existentes na Cidade da Bahia e o desenvolvimento científico da medicina e áreas correlatas apontavam resoluções para questões de ordem pública, onde a saúde individual e coletiva estava no centro do debate, tendo o higienismo como corrente que orientava as ações.

É preciso também apontar que a autoproclamada relevância social do médico fez com que esse profissional, a partir de suas representações de corpo e cidade ideal, interferisse nos corpos, principalmente dos doentes, a quem tinham acesso direito. Por vezes, essa intervenção se deu sem consentimento dos indivíduos, como vimos em alguns trechos das fontes e do debate teórico.

Entre o debate perda da autonomia dos doentes frente aos saberes médicos tomados como axiomas, como incontestável, os objetivos desses médicos ultrapassavam bem mais do que tratar o doente, mas sim tratar a cidade, de um modo geral, recomendando práticas e modificações nos variados setores da vida social e cultural. Faziam apelos a políticos e, inclusive, atuaram alguns como políticos. Em momentos de epidemias de doenças, por exemplos, estiveram à frente da elaboração do enfrentamento e, também, se colocaram como médicos na Guerra do Paraguai.

É preciso que se destaque essa atuação, por vezes controversa, para que possamos entender o alcance das representações de corpo elaboradas pelo grupo da GMB. Vamos, mais uma vez, lembrar que as representações só se consolidam quando se traduzem em práticas, influenciando o ordenamento social. Por isso,

entender, dentro do que nos foi possível, a atuação desses médicos, apontou como as representações de corpo, elaboradas por esse grupo, foram interferir nos corpos e no contexto em que atuaram.

Nesse sentido, muito dos tratamentos, descrições e inferências sobre doenças estavam ligadas às observações de casos clínicos. Inicialmente, se proposições vinham muito mais da retórica da observação e de uma convicção científica, do que propriamente do desenvolvimento de pesquisas, de afirmações com base em experiência e concretudes científicas. Mas com o desenvolvimento das ciências em curso, vimos mudanças nos tratos e debates médicos, o quê representou, por si, uma parcela da modernização. Contudo, em diversos momentos vemos críticas desses médicos ao processo de desenvolvimento, quando a modernização da cidade, das indústrias e do seu fraco saneamento perante às leis da higiene, adoeciam o corpo, prejudicava os indivíduos.

Nesse contexto, se no início desta tese utilizamos a argumentação de Marchal Berman (1986) para justificar um modo específico de experiência moderna em Salvador, podemos agora, depois de analisar todas as fontes, dizer que houve uma justaposição de leituras da modernização em que ora via-se a modernidade como benéfica, ora como prejudicial. Contudo, isso não foi um caso específico de Salvador, esse contraste e ambiguidade são próprios desse movimento de modernização. Logo, a experiência moderna de Salvador pode ter se dado de forma específica e talvez distinta dos grandes centros, mas a representação dessa elite intelectual guardou traços comuns e gerais da modernidade.

Nessa onda de modernização, vimos que houve a construção de determinadas representações de corpo. O corpo destoante muito mais sinalizado nas páginas da GMB se apresentava como fraco, física e moralmente, frente às demandas da sociedade moderna. Por isso, era preciso que modificasse tal realidade através de uma educação do corpo, onde as práticas corporais ganharam destaque, notadamente a ginástica, mas também outras, como a esgrima, o remo e a dança.

A defesa dessas práticas baseadas nos desenvolvimentos científicos compusera um grupo de recomendações que o higienismo pautava. Entre a alimentação, o comportamento moral, o saneamento das cidades e até o comportamento sexual, o alcance do olhar médico foi irrestrito. Tudo isso para educar o corpo moderno que deveria ser forte, racional, moral e útil a sociedade em geral.

Nesse contexto, a ginástica e outras práticas corporais ganharam lugar no debate do corpo por guardarem em si uma lógica de racionalidade e cientificidade, com a promessa de que seriam capazes de educar o corpo para que fosse ele, então, representação última da modernidade. Por isso, vemos a sua recomendação aparecer frequentemente nas páginas da GMB, notadamente, existiu a forte recomendação de que essas práticas fizessem parte do cotidiano escolar. O espaço formal de educação era sim o lugar central para que se pudesse educar esses corpos, principalmente, da criança que seria mais maleável à intervenção. Mas as recomendações das práticas corporais citadas compuseram o debate da saúde em geral, fazendo parte dos modos de tratamento médico para sanar doenças e fortalecer o corpo.

Na ideia de prática que conforma o conceito de Representação, vamos ver que ela se traduziu nos tratamentos médicos e, quando se tratou das práticas corporais, ela produziu-se muito mais numa prática discursiva, de cobrança das autoridades públicas e tentativas de conscientização da população, do que em ação cotidiana abrangente e mais concreta.

O que podemos dizer, após análise de todas as fontes, é que a representação de corpo moderno, para o grupo da GMB, estava centrada num uso racional e útil do corpo fortalecido, física e moralmente, pelos preceitos higiênicos que tinha a ginástica e outras práticas como elementos capazes que fornecer essa educação do corpo moderno. Outro ponto a ser considerado e que estava intimamente ligado ao anterior, é que a educação do corpo individual não se restringia a beneficiar um único indivíduo, mas sim educar o corpo social para que então pudesse construir a imagem, a representação moderna que se almejava para Salvador. Ou seja, a educação e formação do corpo moderno estava ligada à necessidade desse corpo para a cidade moderna que se construía. A Educação do Corpo, que tanto falamos, tinham por fim o objetivo de educar e transformar o corpo social.

Por fim, acreditamos que toda pesquisa deixa lacunas e essas são fundamentais para que estudos outros possam surgir e dar continuidade ao desenvolvimento científico. Assim, acreditamos que olhar as lutas de apropriação dessas representações médicas pela população pode ser um rico caminho a ser seguido, contudo outras fontes devem ser buscadas, fontes que mostrem a fala desses corpos que aqui apontamos.

Destarte, o que buscamos com o nosso objetivo inicial era compreender quais as representações de corpo presentes nas edições da Gazeta Médica da Bahia (1866-1934) e as relações entre uma educação do corpo centrada nos ideias modernizadores, procurando localizar o papel e lugar da ginástica e de outras práticas corporais, nesse cenário. Acreditamos, assim, que respostas foram dadas para o objetivo elencado, onde pudemos compreender parte da história do corpo na cidade de Salvador e parte da própria história da Educação Física. Desejamos que essa produção possa contribuir para os estudos na área e provocar novos debates.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Maria Renilda Nery; SOUZA, Christiane Maria Cruz (Org.). **História da saúde na Bahia: instituições e patrimônio arquitetônico (108-1954)**. Barueri: Minha Editora, 2011.
- BARROS, José D'Assunção. **História comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BASTOS, Izamara. **A imprensa no Rio de Janeiro da Belle Époque**. In: VI Congresso Nacional de História da Mídia. Rio de Janeiro, 2008.
- BASTIANELLI, Luciana. **Gazeta Médica da Bahia – 1866-1934/1966-1976: publicada por uma Associação de Facultativos**. Salvador: Edições Contexto, 2022.
- BERMAN, Marchall. **Tudo que é sólido desmancha-se no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia da Letras, 1986.
- BRITTO, Lays; MELLO, Márcia; MATTA, Raissa da. O Processo de Transformação Urbana de Salvador-BA. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, v.2, n. 27, p.111 – 127, 2017.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes**. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- CHARTIER, Roger. O mundo como Representação. *Estudos Avançados*, n. 11, v.5, 1991.
- CORBIN, Alain. **História do corpo: da Revolução à Grande Guerra**. Tradução: João Batista Kreuch; Jaime Clasen. Petrópolis: Vozes, 2008.
- COSTA, Angela Marques Da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890-1914: no tempo das certezas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DE LUCA, Tania Regina. Imprensa no Brasil: notas sobre a passagem para o século XX. **Revista BBM**, São Paulo n. 3 pp. 117-131 jan./jun. 2022.
- ENDRES, Armelle. **A história do Rio de Janeiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2009.
- FAURE, Olivier. Olhar dos médicos IN: CORBAIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. **História do Corpo: da Revolução à Grande Guerra**. Volume II. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

FREITAS, Maria Helena. Considerações a cerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 54-66, set./dez. 2006

GAIO, Roberta; GOIS, Ana Angélica; BATISTA, José Carlos de Freitas. **A ginástica em questão: corpo e movimento**. 2 ed. São Paulo: Phorte Editora, 2010.

GAZETA DE NOTÍCIAS: SOCIEDADE ANONYMA, Salvador, 1912.

GAZETA MÉDICA DA BAHIA. n. 1, Salvador, 1866.

GAZETA MÉDICA DA BAHIA. n. 1, Salvador, 1878.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 1, Salvador, 1880.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 10, Salvador, 1878.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 11, Salvador, 1888.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 11, Salvador, 1905.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 12, Salvador, 1885.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 157, Salvador, 1874.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 19, Salvador, 1888.

GAZETA MÉDICA DA BAHIA. n. 2, Salvador, 1866.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 27, Salvador, 1895.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 31, Salvador, 1900.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 4, Salvador, 1887.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 47, Salvador, 1868.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 49, Salvador, 1868.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 5, Salvador, 1878.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 6, Salvador, 1866.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 61, Salvador, 1898.

GAZETA MÉDICA DA BAHIA. n. 63, Salvador, 1867.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 65, Salvador, 1934.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 7, Salvador, 1889.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 7, Salvador, 1905.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 7, Salvador, 1934.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 8, Salvador, 1878.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 8, Salvador, 1884.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 83, Salvador, 1870.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. n. 85, Salvador, 1870.

GOIS JUNIOR, Edivaldo. Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 139-159, jan/mar, 2013.

GOIS JUNIOR, Edivaldo. **O século da higiene: uma história de intelectuais da saúde (Brasil, século XX)**. 2003. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **E a Bahia civiliza-se: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana, Salvador 1912-1916**. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

MACHADO, Aline Gomes. **A ginástica como prática educativa na Bahia (185-1920)**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

MALAQUIAS, Anderson Gonçalves. **Ciência, educação e divulgação científica: o nascimento da bacteriologia nas páginas da Gazeta Médica da Bahia (1866-1890)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2012.

MARTINELLI, Maria de Fátima Mendes. **Comunicação científica em saúde: a Gazeta Médica da Bahia no século XIX**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

MELO, Victor Andrade de. **Dicionário de esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX**. Autores Associados. Rio de Janeiro, 2007.

MELO, Victor Andrade de; FORTES, Rafael. **História do esporte: panorama e perspectiva**. *Fronteiras*, Dourados, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul./dez. 2010.

MELO, Victor Andrade de; PERES, Carlos de Faria. **A gymnastica no tempo do Império**. 7Letras. Rio de Janeiro, 2014.

MORAES, Dislane Zerbinatti. **A modernidade pedagógica no discurso médico do século XIX no Brasil: uma análise da revista gazeta médica da bahia (1866- 1920)**. 2013. Disponível em:
https://www.academia.edu/63110510/A_modernidade_pedag%C3%B3gica_no_discurso_m%C3%A9dico_do_s%C3%A9culo_XIX_no_Brasil_uma_an%C3%A1lise_da_Revista_Gazeta_M%C3%A9dica_da_Bahia_1866_1920_ Acesso em: 28 de set. 2023.

NEVES, Margarida de Souza. **Os cenários da República: o Brasil na virada do século XIX para o século XX**. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves e FERREIRA, Jorge Luís (Orgs.). **Brasil Republicano: Estado, sociedade civil e cultura política. O tempo do liberalismo excludente. Da Proclamação da República à Revolução de 1930**. 1a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

O TAGARELLA, Rio de Janeiro, 1902.

OLIVEN, Ruben George. Cultura e Modernidade no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 03-12, jun. 2001.

PAIVA, Eduardo França. Corpos pretos e mestiços no mundo moderno: deslocamento e trânsito de imagens. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 69-106.

PRIORE, Mary Del; Amantino, Marcia. **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

QUADROS, Paulo Roberto Novais S. de. **DAMÁSIO, VIRGÍLIO**. CPDOC/FGV. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/DAM%C3%81SIO,%20Virg%C3%ADlio.pdf>. Acesso em: 27 set. 2023.

RISÉRIO, Antonio. **Uma história da cidade da Bahia**. 2 ed. Versal Editores. Rio de Janeiro, 2004.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da. **Esporte e Modernidade: uma análise comparada da experiência esportiva no Rio de Janeiro e na Bahia nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX**. 2011. Tese (Doutorado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ROCHA, Oswaldo Porto; CARVALHO, Lia de Aquino. **A Era Das Demolições: cidade do Rio de Janeiro 1870-1920 / Contribuição Aos Estudos das Habitações Populares: Rio de Janeiro 1866-1906**. 2 ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Higiene e higienismo entre o Império e a República. In: PRIORE, Del Mary; AMANTINO, Marcia. (Orgs). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SARMENTO, Sílvia Noronha. **A Raposa e A Águia: J. J. Seabra e Rui Barbosa na política baiana da primeira república**. EDUFBA. Salvador, 2011.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Tradução de Marcos Aarão Reis. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SEVCENKO, Nicolau (org). **História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à era do rádio**. Schwarcz Ltda. São Paulo, 2006.

SILVA, Adriana Maria Lage. **Aspectos socioespaciais de Salvador na Primeira República: o governo de J. J. Seabra**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, 2013, Salvador.

SOARES, Carmen Lúcia. **Notas sobre a educação do corpo**. Educar, Curitiba, n. 16, p. 43-60, jan./jun. 2000.

SOARES, Carmen Lúcia. Uma educação pela natureza: o método de educação física de Georges Hébert. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v. 37, n. 2, 2005.

SOARES, Carmen Lúcia; MORENO, Andrea. Dossiê - práticas e prescrições sobre o corpo: a dimensão educativa dos métodos ginásticos europeus. **Revista Brasileira de ciências do esporte**, Campinas, v. 37, n. 2, p. 108-110, mar. 2015.

SUZART, Nestor Carvalho *et al.* História da psiquiatria. In: JACOBINA, Ronaldo Ribeiro *et al.* **História da medicina**: história das especialidades médica clínicas. V. 2, Salvador: EDUFBA, 2022.

SHWARCK, Lilia Motriz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
VERAS, Flávia Ribeiro. Encenando A Modernidade no Rio de Janeiro e Em Buenos Aires: o trabalho artísticos como promoção da identidade cultural. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 158-177, 2019.

VIANA, Viviane Rocha. **A dança nos clubes sociais da cidade do salvador: 1912 a 1935**. 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

VIGARELLO, George. **História da beleza**. Tradução: Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VIGARELLO, George; HOLT, Richard. O corpo Trabalhado: ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, Alain. **História do corpo**: da Revolução à Grande Guerra. Tradução: João Batista Kreuch; Jaime Clasen. Petrópolis: Vozes, 2008.